

Padre Silvio Sassi, ssp

(In memoriam)

SUPERIOR GERAL DA PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO
2004-2014



* 10.07.1949 – † 14.09.2014

Título original: EVANGELIZZARE NELLA COMUNICAZIONE CON LA COMUNICAZIONE
(C) Don Silvio Sassi, SSP
Roma, 26 de novembro 2014

Tradução: *Pe. José Dias Goulart, SSP*

SIGLAS

- AD* - *Abundantes divitiae gratiae suae*
(As abundantes riquezas de sua graça)
- AE* - *O Apostolado da Edição*
- AI* - *Apostolado da Imprensa*
- DF* - *Donec formetur Christus in vobis*
(Até que Cristo se forme em vocês)
- UPS* - *Ut perfectus sit homo Dei*
(Para que o homem de Deus seja perfeito)

Prezados irmãos,

Como cumprimento da **linha operativa 3.3.1** do IX Capítulo geral, no ano **centenário** de nascimento do carisma paulino, proponho a leitura e atualização de *Apostolado da Imprensa* (=AI),¹ publicação que o Primeiro Mestre considera um “**manual diretivo de formação e apostolado**” para a Sociedade de São Paulo e para as Filhas de São Paulo.

Escolhi a primeira redação desse texto (1933), porque as edições sucessivas (*Apostolado da Edição, 1944; Apostolado das Edições, 1950 e 1955*), embora espelhando os **mesmos conteúdos essenciais**, integram também contribuições oferecidas por Paulinos e Paulinas, ainda que sob vigilância atenta do Fundador, que as aprovou após meticulosas correções e complementações pessoais.

Superando as dificuldades no escrever, no dispor os temas e no tratar os assuntos, a leitura de *AI* permite beber na **fonte do carisma paulino**: tudo é de próprio punho do Primeiro Mestre. Recolhendo de maneira mais sistemática tudo o que já tinha tratado de forma episódica nos anos precedentes em artigos na *União dos Cooperadores da Boa Imprensa, Vida Pastoral e Gazzetta d’Alba*, ele quis colocar as **bases de pensamento** na sua incansável iniciativa prática.

Capítulo após capítulo, a leitura de *AI* faz saborear a “**novidade**” do carisma paulino que se acha descrito como “**nova forma de evangelização**”, pois, com as mudanças históricas da época, a missão da **paróquia territorial** e do **pároco com seus fiéis** já não era suficiente para alcançar as massas distantes da fé. Nessa visão apostólica, a imprensa é “verdadeira” evangelização, completa e de igual dignidade frente à evangelização do ministério paroquial: “**a pregação escrita ao lado da pregação oral**”.

Após cem anos de existência, o carisma paulino, que o Espírito fez brotar e crescer no padre Alberione, graças à sua assimilação do

¹ Padre Alberione SSP, *Apostolato Stampa*, Alba, Pia Sociedade de São Paulo, 1933.

convite de Cristo “*Vinde todos a mim*” (Mt 11,28) e à sua **sensibilidade pastoral** ao contexto histórico de seu tempo, se mantém jovem, à medida que a atualização, na teoria e na prática, é o resultado de fidelidade criativa.

O futuro “jovem” do carisma paulino é confiado a **todos os membros** das várias Instituições que compõem a Família Paulina, que saibam colocar em comum a contribuição de indivíduos e comunidades das **Congregações**, dos **Institutos paulinos de vida secular consagrada** e da **Associação dos Cooperadores Paulinos**, valorizando a experiência progressiva de fé missionária e de documentada observação das mudanças históricas em que se desenvolve o carisma paulino. A exemplo do bem-aventurado Tiago Alberione, o carisma paulino se atualiza **unindo de maneira inseparável**: “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo quem vive em mim*” (Gl 2,20), com “*Eu me fiz tudo para todos*” (1Cor 9,22), a fim de levar o Evangelho ao povo da comunicação.

1. PROJETO INTEGRAL DE NOVA EVANGELIZAÇÃO

1.1. A partir da experiência espiritual determinante na noite da passagem de 1900 para 1901, o padre Alberione **orientou-se decididamente** “a preparar-se para fazer alguma coisa pelo Senhor e pelos homens do novo século com os quais viveria” (AD 15).² Ele “sentiu-se obrigado a servir à Igreja, aos homens do novo século e agir com outros” (*idem*, n. 20).

Após ter contribuído para a mudança na “**pastoral**” do sacerdote **diocesano**, com o ensinamento e os dois livros *Anotações de teologia pastoral* (1912 e 1915)³ e *A mulher associada ao zelo sacerdotal* (1915),⁴ ele se dedica completamente a **um projeto integral de nova evangelização com a imprensa**, que apresenta em primeira formulação no volume *Apostolado da Imprensa*, publicado em 1933.

O escrito se subdivide em 29 breves capítulos que tratam sucessivamente dos seguintes **assuntos: o Apostolado da imprensa** (o que é – objetivo – origem – caráter – preparação – ministro – os católicos – o trabalho); **a espiritualidade do apóstolo da imprensa** (a Virgem Maria – a Santa Missa – a visita eucarística – a comunhão); **algumas iniciativas** (ilustrações – boletim paroquial – biblioteca paroquial); **os destinatários** (princípios – competentes – perfeitos); **as atividades** (redação – propaganda – culto da Sagrada Escritura – os religiosos – os pecados da imprensa – festa do Divino Mestre – a Bíblia e o Apostolado da imprensa – a propaganda e o Apostolado da imprensa); conclusão (a **Sociedade de São Paulo** e o Apostolado da imprensa).

² *Abundantes divitiae gratiae suae*, organizado por Angelo Colacrai ssp e Eliseo Sgarbossa ssp, SSS-Casa Geral, Roma, 1998.

³ *Appunti di teologia pastorale*, organizado por Virginia Odorizzi sjbp e Angelo Colacrai ssp, Cinisello Balsamo, 2002.

⁴ *La donna associata allo zelo sacerdotale*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 2001.

1.2. Diversos conteúdos, que se encontram em *AI* com elaboração mais sistemática, foram **antecipados** de forma ocasional pelo próprio padre Alberione em *União dos Cooperadores da Boa Imprensa* (1918-1927), *Gazzetta d'Alba* (1932), *Vida Pastoral* (1931s) e em aulas aos clérigos paulinos, das quais encontramos traços no *Diário* do bem-aventurado Timóteo Giaccardo e, indiretamente, também na correspondência do padre Alberione, recolhida pelo padre Giancarlo Rocca em *A formação da Pia Sociedade de São Paulo (1914-1927)*.⁵

A partir de um testemunho escrito de irmã Luigina Borrano (21/7/1983), sabemos que “nos anos 1933-1938 o Primeiro Mestre deu longo curso de aulas sobre o apostolado paulino a vinte Filhas de São Paulo, as primeiras que realizaram os estudos superiores de ciências religiosas na Congregação. Nesse curso de apostolado, ele desenvolveu pessoalmente a matéria contida no livro *Apostolado da Imprensa*, acrescentando muitas aulas sobre redação, propaganda, cinema e rádio. Não falou de TV e dos outros meios menores, porque na época ainda não existiam na Itália”.

Integrado com as anotações tomadas no curso do Primeiro Mestre às Filhas de São Paulo, o livro *AI* foi submetido pela irmã Luigina ao padre Alberione. Este, após a leitura e correções, sugeriu que o texto fosse enviado ao padre Timóteo Giaccardo, com o pedido de atento exame e possíveis complementações, e fosse submetido ao padre Attilio Tempra para a revisão final. Em 1944, tendo como autor G.D.P.H. (*Gloria Deo, pax hominibus*), foi publicado *O Apostolado da Edição*, com o subtítulo: *Manual diretivo de formação e de apostolado*.

Embora o padre Tiago Alberione não conste como autor, não há dúvidas de que todo o conteúdo do volume, seja pelo que retoma de *Apostolado da Imprensa*, seja pelo que ainda é inédito, faz parte do seu pensamento. Em todo caso, se é contribuição de outros, foi por ele minuciosamente analisado e aprovado, como o capítulo VI (*O*

⁵ Giancarlo Rocca, *La formazione della Pia Società San Paolo (1914-1927)*. Anotações e documentos para uma história, Roma 1982.

método no apostolado da edição, cf. I parte, I seção, nn. 38-46), escrito pelo padre João Pelliccia e pela irmã Luigina Borranò; no entanto, nas edições sucessivas será revisto no intuito de abreviá-lo e redigi-lo de maneira mais harmônica com os demais conteúdos.

O Apostolado da Edição divide-se em duas partes. **Primeira parte:** o apostolado (6 capítulos) e o apóstolo (13 capítulos). **Segunda parte:** o apostolado da imprensa (de fato 39 capítulos, embora constem 38, devido a erro tipográfico que repete o capítulo 26); o apostolado do cinema (4 capítulos) e o apostolado da rádio (1 capítulo). Quanto ao *Apostolado da Imprensa*, além da subdivisão mais clara dos assuntos tratados, desenvolveu-se com maior amplitude o apostolado da imprensa e foram **acrescentados** o apostolado do cinema e do rádio.

1.3. Em **1950**, sai a segunda edição do livro *O Apostolado da Edição*, que recebeu ligeiras modificações (no capítulo VI, do qual já se disse) e alguma complementação (por exemplo, o discurso de Pio XII sobre o cinema, a 14 de julho de 1945, e o discurso sobre o rádio a 3 de outubro de 1947); e sobretudo tem o **título no plural:** *O Apostolado das Edições*; a subdivisão em partes e capítulos é idêntica à edição precedente.

1.4. Em **1955** publicou-se a terceira edição que retoma o título *O Apostolado da Edição*, com autor Sacerdote Teólogo Tiago Alberione, e deixando invariada a divisão da matéria. Sobretudo no cinema, no rádio e na televisão, integraram-se alguns trechos de documentos eclesiais; em particular, acrescentou-se um capítulo sobre o apostolado do cinema (*O exercício prático do apostolado do cinema*) e uma ampliação final com o capítulo dedicado ao *Apostolado da televisão*.

A partir de *Apostolado da Imprensa* (1933) até *O Apostolado da Edição* (1955), o Primeiro Mestre trabalhou vigilante as contribuições pedidas a Paulinos e Paulinas para este importante texto, porque considerado por ele como *Manual diretivo de formação e de apostolado* para a Sociedade de São Paulo e para as Filhas de São Paulo, e que constitui a elaboração

teórico-prática do seu *projeto global de nova evangelização, primeiro com a imprensa, depois com o cinema, a rádio e a televisão.*

Em **1961**, o padre Alberione grava o **primeiro disco** editado pela Sociedade de São Paulo e continuará a emprestar sua voz para a série completa de seus *Comentários sobre os Evangelhos festivos*. A seguir, em **1963**, confia o **apostolado dos discos** às comunidades para as vocações adultas de Albano Laziale.

No pensamento do Primeiro Mestre, a evangelização com a imprensa e com os outros meios de comunicação de massa requer que se junte à experiência religiosa também a **competência profissional** em comunicação: “O nosso apostolado requer a ciência. Primeiro, a ciência comum, depois a ciência dos meios de comunicação. Por isso, devemos chegar à redação não somente dos livros e periódicos, mas também dos outros campos do nosso apostolado, como a preparação das películas, dos programas para rádio, TV, disco etc.”⁶

Levando em conta a natureza particular do apostolado, padre Alberione afirma em vista do primeiro Capítulo geral (1957): “Preparar para a redação os aspirantes, desde os primeiríssimos anos, para a forma, o conteúdo, a língua nacional. O Instituto tem em vista contar com estudos acadêmicos próprios para muitas regiões. O ano de pastoral é a iniciação para a redação e para o ministério”.⁷

O **Capítulo geral especial 1969-1971** decidirá pela realização desse sonho do Primeiro Mestre, estabelecendo a fundação de um “Instituto paulino de estudos superiores” para a comunicação social (cf. *Documentos capitulares*, n. 576), a ser encaminhado pelo *Estudo Paulino Internacional para a Comunicação Social* (SPICS em italiano) (15 de outubro de 1980).

O texto das **Constituições e Diretório**, aprovado a 4 de abril de 1984, integra no apostolado paulino, a título pleno, também o

⁶ San Paolo, março 1969; cf. *Carissimi in San Paolo*, organizado por Rosario F. Esposito, Roma 1971, p. 343.

⁷ *San Paolo*, maio 1957; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 167.

empenho pedagógico na comunicação, que para ser possível realizar exige pesquisa e preparação adequadas (cf. art. 74).

Participando do Concílio Vaticano II, o Primeiro Mestre teve a grande alegria de votar pela aprovação do decreto conciliar *Inter mirífica* (4 de dezembro de 1963) e de apresentá-lo com entusiasmo à Sociedade de São Paulo e a toda a Família Paulina, como a “aprovação máxima da atividade paulina”.⁸

Todos os documentos do **magistério ordinário em comunicação**, desde o decreto conciliar *Inter mirífica* até as mensagens papais por ocasião da Jornada mundial das comunicações sociais, no espírito das edições sucessivas de *Apostolado da Imprensa*, são uma “luz” a se valorizar para **a atualização do carisma paulino**, no centenário de seu nascimento.

⁸ Cf. *San Paolo*, dezembro 1963 e março 1969; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., pp. 323-324 e p. 342.

2. ATUALIZAÇÃO DE APOSTOLADO DA IMPRENSA

2.1. Metodologia de leitura e atualização

2.1.1. Tratando da formação necessária para o nosso apostolado, o Primeiro Mestre afirma durante o curso extraordinário de exercícios espirituais de 1960: “Estudar os meios audiovisuais. Existem os meios que se usam em todo vocacionário; mas é preciso tomar conhecimento dos outros. Que se estude e se leia bem o livro *Apostolado da Edição*; está em língua italiana, mas vai sendo traduzido em outras línguas” (UPS, I, 318).¹ Na circunstância em que o Fundador quer ilustrar, de maneira articulada, toda a sua obra de fundador que ele declara concluída, faz referência explícita ao livro *O Apostolado da Edição* (com toda probabilidade à edição de 1955) e sublinha que deve ser um texto para todos os Paulinos, e para tanto deve ser traduzido nas várias línguas.

2.1.2. Para o estudo e atualização desse importante “**manual de formação e de apostolado**”, embora tendo presentes as sucessivas edições, considero útil servir-me de *AI*, porque é o texto escrito direta e inteiramente pelo Primeiro Mestre, e do qual derivam as reelaborações seguintes.

Cada capítulo será apresentado com resumo dos *assuntos*, levando em conta o desenvolvimento do *pensamento alberioniano* ao longo dos anos seguintes e com uma *atualização* que provém do Vaticano II e do magistério universal pós-conciliar sobre a evangelização, a comunicação e a vida consagrada.

¹ *Ut perfectus sit homo Dei*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 1998.

O **Centro de Espiritualidade Paulina** publicou, na coleção *Opera omnia*, a edição crítica de *O Apostolado da Edição* (1944), aos cuidados do padre Ângelo Colacrai, com tradução inglesa e espanhola. O texto de *AI* até hoje não tem sido objeto de alguma edição crítica, nem foi traduzido. Os conteúdos de *AI* apresentados e atualizados nesta carta podem encontrar-se em *O Apostolado da Edição* (=AE),² embora com distribuição diferente e com a reelaboração descrita; por essa razão, a cada capítulo de *AI* coloco ao lado o correspondente em *AE*.

2.1.3. É necessária uma **precisão** sobre a passagem de “**impre**nsa” a “**edição**”; esta não é sinônimo de “imprensa”, porém está incluída, como se explica na *nota 3* da *Introdução* ao texto *Apostolado da Edição* (p. 38): edição se refere ao verbo latino “*edere*” (extrair para levar ao público); por isso, entende-se como atividade de “extrair da própria experiência, a fim de levar ao público os conteúdos da fé, através da imprensa, do cinema e do rádio”.

2.2. O que é o Apostolado da imprensa

(*AI*, c. I; *AE*, primeira parte, primeira seção, c. I)

2.2.1. *Assuntos*. O Apostolado da imprensa é “a pregação da palavra divina com o imprimir”; é “evangelização necessária em qualquer tempo, em qualquer lugar, a qualquer homem”, porque “comunica aos homens os caminhos para nos unirmos a Deus com a inteligência, a vontade e o amor, a fim de chegarmos ao céu” (p. 3s).

Deus se comunicou por meio dos patriarcas, dos profetas e do seu Filho, e continua a comunicar-se por meio da Igreja, até o final dos tempos (p. 4).

“Deus falou a viva voz, Deus imprimiu suas palavras no papel, no pergaminho, nos monumentos antigos. É sempre uma só e mesma

² *L'Apostolato dell'Edizione*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 2000.

verdade; um só e mesmo Autor; uma só e mesma finalidade; seja com palavra falada, seja com palavra impressa ou escrita” (p. 5).

A Palavra de Deus chegou a nós através da Tradição oral e através dos 72 livros da Sagrada Escritura. “Cada pessoa pode ler a genuína carta que o Pai celeste endereçou a seus filhos. Deus é o primeiro Escritor, o primeiro Apóstolo da imprensa. Imitemos a Deus. A pregação a viva voz corresponde em certa maneira à tradição; a pregação em papel *impresso* corresponde em certa forma à Sagrada Escritura” (p. 5).

2.2.2. *Pensamento alberioniano*. O Apostolado da imprensa é evangelização e cumpre a mesma missão do que se realiza com a palavra. Palavra e escrita são duas formas diferentes, ambas porém completas e eficazes; assim se sublinha sua **equivalência**.

A imprensa, e a seguir os outros meios de comunicação de massa e “todos os meios mais rápidos e eficazes que se inventarem” não são pensados por padre Alberione como “**subsídios**” que encontram na pregação oral sua plena valorização. A evangelização, entendida como anúncio da experiência integral de fé (dogma, moral e culto), pode ser **realizada em plenitude** também com a imprensa, e não só com a palavra. O lúcido pensamento do Primeiro Mestre é a convicção de que **a palavra não tem a exclusividade nem o monopólio da evangelização**, mas que **também com a escritura e a imagem se pode anunciar a totalidade da experiência de fé em Cristo**.

Desde os inícios da Sociedade de São Paulo, padre Alberione precisou defender-se da acusação que provinha de ambientes civis e religiosos ou de falsas interpretações internas, ou seja, de ter dado vida a uma empresa editorial com finalidades comerciais. A crítica não é rejeitada pelo Fundador com argumentos financeiros referentes ao lucro econômico que se pode obter dando vida a uma atividade editorial, mas com argumentos de **caráter religioso**: “A Congregação estude o pensamento e faça dele a edição. Nem comerciantes, nem

industriais, mas uma Sociedade de Apóstolos” (*Mihi vivere Christus est*, 185).³

A evangelização com a imprensa faz referência a São Paulo, pelo **primado** que atribui à evangelização como **anúncio**: “Cristo realmente não me enviou para batizar, mas para evangelizar” (1Cor 1,17). E também: “Como poderiam invocar alguém, no qual não acreditaram? E como poderiam acreditar em alguém, do qual não ouviram falar? Como poderiam ter ouvido, sem que alguém anunciasse? ‘Como poderiam anunciar, se não tivessem sido enviados? Assim está escrito: Como são belos os pés daqueles que levam a boa notícia do bem!’ ... Ora, a fé depende da pregação, e a pregação se realiza por meio da palavra de Cristo” (Rm 10,14-17).

Fazendo referência à primeira carta aos Coríntios, padre Alberione escreve: “ ‘Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar’, querendo indicar que a tarefa de evangelizar precede e supera qualquer outra... Somente o cristão instruído poderá ter piedade iluminada e vida moral”.⁴

2.2.3. *Atualização*. A convicção de que a imprensa e os outros meios de comunicação de massa sejam apenas importante “**subsídio**” para a evangelização, que se realiza em plenitude unicamente no ministério paroquial, caracteriza, com raras exceções, os pronunciamentos do magistério universal sobre a comunicação até o Concílio Vaticano II. Ao invés, no *Inter mirífica* se afirma: “A Igreja católica, fundada por Cristo Senhor para levar a salvação a todos os homens, e sendo por isso impulsionada pela necessidade de difundir a mensagem evangélica, considera seu dever servir-se também dos instrumentos da comunicação social para pregar o anúncio dessa salvação e ensinar aos homens o correto uso dos mesmos instrumentos” (n. 3).

³ Cf. *Viviamo in Cristo Gesù*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 2008, p. 220.

⁴ Cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 823.

O que foi traduzido como “considera seu dever”, em latim se exprime desta forma: “*sui officii partes esse*”. Ou seja, os meios de comunicação constituem “**parte integrante**” da evangelização, e não são mera possibilidade que se pode também descuidar ou substituir facilmente por outras.

A confirmação de tal interpretação encontra-se no número 13 do mesmo decreto: “Por isso, os sagrados Pastores sejam solícitos em cumprir, nesse setor, um dever intimamente ligado ao magistério ordinário” (em latim, “*cum ordinario praedicationis officio*”). A comunicação a serviço da evangelização não constitui mais “**um apostolado extraordinário**”, no sentido de incomum e quase excepcional, mas faz parte do apostolado “**ordinário**”.

A instrução pastoral *Communio et progressio* (23 de maio de 1971) destaca o **intercâmbio fecundo entre os meios de comunicação e a Igreja**. De um lado, estes “põem a Igreja a par das mentalidades e comportamentos do homem contemporâneo, a quem Deus quer que se leve a mensagem de salvação em linguagem que ele possa compreender e partindo dos problemas que enfrenta e lhe afligem o coração” (n. 125). Por outro lado, na Igreja, “a missão apostólica hoje deve ser exposta também através dos meios de comunicação. Assim, pode-se dizer que não atende ao mandato de Cristo quem se descuida das enormes vantagens que esses instrumentos oferecem para levar a números bem elevados de pessoas a doutrina e os preceitos do Evangelho” (n. 126).

Considerando “os meios de comunicação como parte integrante da evangelização”, o Vaticano II oferece também uma contribuição de valor sobre a evangelização em seu conjunto, porque destaca, para a Igreja, não somente o dever de proclamar o Evangelho, mas também de levar em conta o **contexto histórico** onde acontece a evangelização.

A preocupação do Primeiro Mestre pela “evangelização dos homens de hoje com os meios de hoje” se apoia no dinamismo da “**atualização**” da fé, que leve em conta os “**sinais dos tempos**”, atualização desejada por João XXIII como bússola para o Vaticano II.

Uma Igreja em missão há de ser, antes de tudo, evangelizada pela **Palavra de Deus** e pela **história**, para que possa atuar uma evangelização eficaz: é o objetivo da reflexão que se desenvolve a partir do Vaticano II (em particular *Lumen gentium*, *Gaudium et spes*, *Ad gentes*) e do magistério papal, especialmente com *Ecclesiam suam* (Paulo VI, 6/8/1964), *Evangelii nuntiandi* (Paulo VI, 8/12/1975), *Redemptoris missio* (João Paulo II, 7/12/1990), *Verbum Domini* (Bento XVI, 30/9/2010) e *Evangelii gaudium* (Papa Francisco, 24/11/2013).

2.3. Objetivo do Apostolado da imprensa

(AI, c. II; AE, primeira parte, primeira seção, c. II)

2.3.1. *Assuntos*. O objetivo do Apostolado da imprensa é tríplice.

Dogma. “Jesus Mestre se proclamou a *Verdade*, e pregou a verdade aos homens... As verdades são expostas na *Teologia Dogmática*, resumidas no *Creio*, ensinadas no *Catecismo*” (p. 6).

Moral. “A moral é o serviço a Deus por meio da vontade. O Apostolado da imprensa deve explicar os mandamentos... as virtudes... Jesus *Caminho*... A Igreja dispõe que a moral constitua a segunda parte da instrução catequética. A mesma disposição vale para a instrução religiosa por meio da imprensa, por serem uma só e mesma nutrição para as almas” (p. 7s).

Culto. “Constitui-se de todo o complexo de atos internos e externos que honram a Deus e transformam a nossa vida em vida divina e nos incorporam a Cristo... Os sacramentos... os sacramentais... as orações... o ano litúrgico... a pregação da Palavra a viva voz e com a imprensa, Jesus *Vida*... Esta é a terceira parte da instrução religiosa; por isso, é também a terceira parte do Apostolado da imprensa” (p. 8s).

2.3.2. *Pensamento alberioniano*. Em *Anotações de teologia pastoral*, padre Alberione descreve a religião não como conjunto separado de verdades a crer, de atos litúrgicos a cumprir e de leis morais a observar, mas apresenta esses três componentes como **integralidade** que deve

formar nas pessoas “**um estilo de vida**” capaz de unificar a mente, o coração e a vontade.

A fé como “**vida nova**” é o fruto da unidade entre dogma, moral e culto. Os três “são meios, mas o seu fim é mudar os pensamentos humanos em cristãos, os afetos humanos em afetos cristãos, as obras do homem em obras do cristão. É necessário que o homem seja cristão, não apenas pelo batismo, não só na igreja, mas em casa, na família, na sociedade. Para isso é que tende tal ação, e isso deve estar sempre bem à vista em cada coisa, para não confundir os meios com o fim, e para não tornar quase ridícula uma religião, que é quanto de mais elevado podia nos ensinar um Deus, sabedoria infinita” (n. 82).

Repetindo a necessidade que há de uma evangelização realizada na tríplice articulação clássica de dogma, moral e culto, o padre Alberione destaca a necessidade de sua **convergência na integralidade**, reagindo aos costumes do tempo que apresentavam a religião como conjunto de verdades a crer (das quais só a hierarquia eclesial tem a responsabilidade), de ritos litúrgicos a cumprir (quase todos em latim) e de vida ética reduzida a simples observância pessoal de leis para alcançar a salvação.

2.3.3. *Atualização*. O Concílio Vaticano II todo teve como objetivo traçar o perfil de uma religião “**integral**”, criando unidade entre os conteúdos da Sagrada Escritura, a reforma da liturgia e o testemunho de vida cristã individual e social.

Na *Evangelii nuntiandi* encontramos a descrição da **finalidade** da evangelização: “Para a Igreja, evangelizar é levar a boa notícia a todos os estratos da humanidade e, com a influência dessa notícia, transformar a partir de dentro, tornando nova a humanidade mesma... O escopo da evangelização é precisamente essa mudança interior e, traduzindo numa palavra, seria mais acertado dizer que a Igreja evangeliza quando, em virtude da força divina da mensagem que ela proclama, procura converter a consciência pessoal e ao mesmo tempo coletiva dos homens, a atividade em que eles se acham empenhados e o ambiente concreto que lhes é próprio” (n. 18).

2.4. *Origem do Apostolado da imprensa*

(*AI*, c. III; *AE*, segunda parte, primeira seção, c. I)

2.4.1. *Assuntos. O Apostolado da imprensa provém de Deus:* “O Senhor, no Antigo Testamento, ordena cerca de duzentas vezes que se escreva... Ele é o verdadeiro Autor do *livro divino*, composto de 72 livros, que são como capítulos de um só livro. O *grande livro* é seu... Ele ordenou que os guardassem... Ele ordenou que os lessem... É deles, em primeiro lugar, que a Igreja recebe as verdades que nos propõe para crer... Os evangelistas escrevem” (p. 10s).

O Apostolado da imprensa é adotado pela Igreja como o apostolado-palavra. As Cartas do Novo Testamento. Também os Pontífices e os Concílios ecumênicos escrevem... “A Igreja se reservou o cuidado de tudo o que se refere ao Apostolado da imprensa, pois ela tem o cuidado pelo apostolado-palavra” ... Escrevem os Doutores da Igreja... O Código de Direito Canônico regula a impressão da Bíblia e o escrever e dirigir do clero, dos religiosos e dos leigos” (p. 11s).

O Apostolado da imprensa é usado universalmente como o apostolado-palavra. Escrevem os Apologistas... os santos Padres... os Doutores da Igreja... os Santos, “na alma repletos de amor a Deus e aos homens, fizeram uso tanto da pena como da palavra, quando a necessidade ou as ocasiões o requeriam” ... Com a escrita se ilustram todo apostolado e toda obra piedosa... O clero escreve, escrevem os religiosos, os católicos, os adversários. “Em qualquer lugar, qualquer que seja o conhecimento, a ideia a se tornar conhecida, todos recorrem à imprensa” (p. 13s).

2.4.2. *Pensamento alberioniano.* As reflexões do Primeiro Mestre sobre os **fundamentos teológicos do Apostolado da imprensa** têm no *AI* caráter **histórico**, elencando todos os que escreveram e escrevem, desde a revelação de Deus ao povo hebreu até os leigos da Igreja.

Dispomos também de um texto que interpreta os **fundamentos teológicos do Apostolado da imprensa** em relação com a **evangelização** entendida como **edição** (extrair de si para dar aos outros): “O

Pai celeste é *ab aeterno* o Editor do Filho... O Divino Filho é Editor do Evangelho, como Mestre Caminho, Verdade e Vida... O Espírito Santo é o Autor e o Editor da Sagrada Escritura... Maria é a Editora do Verbo humanado... Edição e Editora é a Igreja... Maria é também Mãe, Mestra e Rainha dos Editores e das edições... São Paulo, o escritor mais abundante do Novo Testamento” (*Vademecum*, n. *919).

2.4.3. *Atualização*. As primeiras tentativas de uma reflexão para “**pensar a teologia em chave de comunicação**”, realizadas pela *Communio et progressio*, em particular onde se fala de Cristo como “*modelo perfeito de comunicador*” (n. 126), não tiveram sequência e desenvolvimento significativos na reflexão eclesial. O magistério universal em comunicação tratou de preferência da utilidade “**pastoral**” da comunicação (*Ætatis novae*, 22/2/1992), dos **aspectos éticos** (*Ética na publicidade*, 22/2/1997 e *Ética na Internet*, 22/2/2002), da **regulamentação jurídica** (*Código de Direito Canônico*, 25/1/1983 e *Instrução sobre alguns aspectos do uso dos instrumentos de comunicação social na promoção da doutrina da fé*, 30/3/1992), da **formação pedagógica** (*Orientações para a formação dos futuros sacerdotes sobre os instrumentos da comunicação social*, 19/3/1986) e da **visão geral** (*A Igreja e a Internet*, 22/2/2002 e *O rápido desenvolvimento*, 24/1/2005).

Não faltam, porém, **indicações preciosas e autorizadas** para uma reflexão “**teológica global**”, que não se limite a simples “uso pastoral”: “O empenho nos meios de comunicação de massa não tem apenas o escopo de multiplicar o anúncio; trata-se de fato mais profundo, porque a evangelização mesma da cultura moderna depende em grande parte da influência desses meios. Portanto, não é suficiente usá-los para difundir a mensagem cristã e o magistério da Igreja, mas é preciso integrar a mensagem mesma nessa ‘nova cultura’ criada pela comunicação moderna. É problema complexo, pois essa cultura nasce, antes ainda que de seus conteúdos, do fato mesmo de existirem novos modos de comunicar com novas linguagens, novas técnicas e novas atitudes psicológicas” (*Redemptoris missio*, 37c).

Tratando da **evangelização no contexto da comunicação digital**, Bento XVI afirma: “Não se trata apenas de exprimir a mensagem evangélica na linguagem de hoje. É preciso ter a coragem de pensar, em maior profundidade, como aconteceu em outras épocas, sobre a relação entre a fé, a vida da Igreja e as mudanças que o homem está vivendo... Quais desafios o assim chamado ‘pensamento digital’ coloca diante da fé e da teologia?” (*Discurso* de 28/2/2011).

As solicitações de João Paulo II e Bento XVI são estímulos que, em grande parte, ainda precisam ser colhidos da reflexão eclesial. E nós **Paulinos** poderíamos colaborar, também com uma série de pesquisas em nossos centros de formação para a comunicação e com nossas publicações.

2.5. A característica do Apostolado da imprensa

(*AI*, c. IV; *AE*, primeira parte, primeira seção, c. IV)

2.5.1. *Assuntos*. A característica do Apostolado da imprensa é **pastoral no pensamento e na forma**. “A pastoral é uma arte divina de governar as almas: apascentá-las. Consiste em guiá-las até as pastagens saudáveis da verdade; nos retos caminhos da santidade cristã; na vida sobrenatural da graça (...). É esse, e não outro, o grande trabalho do sacerdote, seja pregando no púlpito, seja pregando através de uma folha, de um livro” (p. 15).

A Igreja é também “altriz de todo o saber humano”, mas a sua “tarefa essencial é apontar o caminho para o céu... O apóstolo da imprensa poderá, de alguma forma, ocupar-se de ciências e artes naturais... tendo em vista as almas; o restante, quando facilita a salvação das almas” (p. 16).

O apóstolo da imprensa trata das realidades humanas “apenas secundariamente e na medida em que isso facilita o caminho rumo ao pensamento cristão e leva a salvar as almas das pastagens venenosas” (*ibidem*). Ao invés, o apóstolo da imprensa deve comunicar a doutrina sagrada: 1) expondo-a diretamente na ordem catequética e

teológica; 2) iluminando a vida litúrgica; 3) explicando o magistério da Igreja; 4) aplicando “a doutrina católica aos problemas políticos, econômicos, sociais, científicos e morais que os novos tempos possam apresentar” (p. 17).

“O homem tem inteligência, vontade e sentimento. É preciso que suas faculdades sejam todas nutridas com dons divinos, nutridas do próprio Deus, para que o homem se transforme” (*ibidem*).

2.5.2. *Pensamento alberioniano*. O caráter “pastoral” da evangelização com a imprensa é **mentalidade**: a apresentação explícita da fé há de envolver todos os aspectos da vida humana, não para obter soluções particulares, mas para oferecer critérios tomados da fé que inspirem escolhas concretas.

O Primeiro Mestre sintetiza a **mentalidade da evangelização com a imprensa**: “Para não enfraquecer a tarefa de apóstolo da imprensa que exige dar a verdade da doutrina, o bem da moral e o belo da forma, não é necessário escrever sempre de religião, mas é necessário escrever sempre cristãmente” (*AE* 159). O mesmo pensamento será retomado mais tarde: “Dar em primeiro lugar a doutrina que salva. Preencher com o Evangelho o pensamento todo e o saber humano. Não falar somente de religião, mas falar de tudo cristãmente” (*AD* 87).

O Apostolado da imprensa requer também **um método**: na evangelização, orientar-se e ter presentes todas as faculdades da pessoa: mente, coração e vontade. Mentalidade e método “pastoral” sublinham a urgência de que a evangelização considere indispensável conhecer as **pessoas concretas** a quem se dirige a proposta da fé. Se a experiência espiritual individual e comunitária é a chama da evangelização com a imprensa, o verdadeiro projeto começa com os **destinatários**.

2.5.3. *Atualização*. O Vaticano II oferece uma visão “**solidária**” da fé: “As alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de hoje, especialmente dos pobres e de todos os que sofrem, são as

alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos discípulos de Cristo, e nada existe de genuinamente humano que não encontre eco em seus corações... Por isso, (a comunidade cristã) sente-se solidária com o gênero humano e com a história” (*Gaudium et spes*, n. 1).

Paulo VI traça de maneira magistral a evangelização como mentalidade e método, indicando no “**diálogo**” o critério fundamental que sabe partir da **história concreta das pessoas**: “O relacionamento da Igreja com o mundo, sem se fechar a outras formas legítimas, possa abrir-se ao diálogo, e mesmo este nem sempre de modo unívoco, mas adaptado à índole do interlocutor e das circunstâncias de fato (realmente, um é o diálogo com a criança e outro o diálogo com o adulto; um é o diálogo com quem crê, outro com o não-crente)” (*Ecclesiam suam*, n. 80; cf. n. 27 e *Evangelii nuntiandi*, nn. 27 e 29).

Tratando da relação entre **evangelização e promoção humana**, João Paulo II escreve: “Com a mensagem evangélica, a Igreja oferece uma força libertadora e promotora de desenvolvimento próprio, porque leva à conversão do coração e da mentalidade... Aí está por que entre anúncio evangélico e promoção do homem existe estreita ligação” (*Redemptoris missio*, n. 59).

Bento XVI tira as consequências da escuta da Palavra de Deus, que se torna **testemunho** na vida concreta: “À luz das palavras do Senhor, reconhecemos os ‘sinais dos tempos’ presentes na história, não descuidamos o empenho em favor de todos os que sofrem e são vítimas do egoísmo” (*Verbum Domini*, n. 100).

O Papa Francisco é ainda mais explícito ao escrever: “A tarefa da evangelização implica e exige uma promoção integral de cada ser humano. Não se pode afirmar que a religião deve limitar-se ao âmbito privado e que existe somente para preparar as almas para o céu. Sabemos que Deus deseja a felicidade de seus filhos também neste mundo” (*Evangelii gaudium*, n. 182).

2.6. Preparação para o Apostolado da imprensa

(AI, c. V; AE, primeira parte, segunda seção, c. VI)

2.6.1. *Assuntos.* Trata-se da formação intelectual ou doutrinal do apóstolo: formação científica natural, formação filosófica e formação teológica.

Preparação da mente: “Em geral, a mesma coisa se pede ao sacerdote pregador e pastor, porque não são duas, mas uma só missão”, embora sejam necessárias especializações para cada forma de pregação: “Por exemplo, a eloquência no púlpito, a habilidade de escrever, imprimir, difundir. A necessidade da preparação é evidente: o apóstolo da imprensa é mestre por natureza, por escolha e posição; é o mestre que tem a cátedra mais alta, que difunde a doutrina com maior precisão, que tem variedade imponderável de alunos. É então evidente que sua ciência deve ser ampla, profunda e prática” (p. 19s). A formação “deve ser proporcional aos encargos especiais que se terão neste apostolado” (p. 20).

Preparação da vontade: “A vida correta e as virtudes são necessárias, porque a obra é sobrenatural e por isso requer absolutamente graças para convencer, forças para exercer o zelo, luzes especiais para conhecer a verdade” (*ibidem*). Para adquirir as virtudes sociais, teológicas, cardeais e morais, é necessário “trabalho espiritual” constante, e “o fruto será proporcional à formação da vontade” (p. 21).

Preparação do coração: “A vida do Apostolado da imprensa é o próprio Jesus Cristo: ‘*Mihi vivere Christus est*’” (p. 21). A vida de Jesus Cristo se adquire com os santos sacramentos, com os sacramentais, com a oração, as devoções, a leitura piedosa, a meditação, os exercícios espirituais, o retiro mensal, a adoração ao Santíssimo Sacramento, o espírito litúrgico. ‘Há devoções próprias do apostolado da imprensa (*ibidem*)’. O apóstolo paulino está todo ‘*in Christo et in Ecclesia*’” (p. 23).

2.6.2. *Pensamento alberioniano.* Para a missão que deve cumprir, o apóstolo da imprensa necessita de preparação adequada, que pode

sintetizar-se na progressiva “**crístificação**”: “O processo de santificação é *processo de crístificação*: ‘até que Cristo se forme em vocês’... É o que são Paulo diz de si mesmo: ‘Eu vivo, mas não sou mais eu que vivo, é Cristo quem vive em mim’ ”.⁵

A publicação do livro *Donec formetur Christus in vobis* (1932)⁶ tenciona promover o processo de “crístificação” como percurso unitário e progressivo, que não é fim para si mesmo, antes desemboca no Apostolado da imprensa apresentado de forma sintética no final do volume (cf. nn. 93-95). O *DF* está em função do *AI*: parar apenas num desses dois textos alberionianos significa interessar-se do carisma pela metade.

O objetivo de semelhança com Cristo continua sendo empenho de toda a vida do apóstolo da imprensa e deve ser alcançado através do cuidado com todos **os aspectos da pessoa** (mente, vontade, coração), mediante uma formação “**integral**”: humana, cristã, religiosa e paulina. “Finalidade da educação na Cngregação é formar o religioso paulino. É necessário proceder com sabedoria e amor. É preciso que haja uma base, um ponto de partida: o homem correto. Sobre este se pode construir o bom cristão, o filho de Deus; sobre este homem correto pode-se elevar o religioso santo, que poderá ser leigo ou sacerdote; e do religioso santo pode-se fazer um apóstolo segundo o grande modelo são Paulo.”⁷

Alcançada mediante a formação progressiva da pessoa total e integrando todas as etapas do desenvolvimento humano e da fé cristã, a “crístificação” tem como escopo “**preparar o apóstolo da imprensa**”. Também a formação com o **estudo** tem como objetivo o apostolado: “Para um paulino, quando é que o saber é perfeito? Não é somente quando estudou, mas quando fez experiência, porque aí é que temos o exercício pastoral, e portanto ele poderá cumprir

⁵ *San Paolo*, fevereiro-março-abril 1965; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit. p. 11.

⁶ *Donec formetur Christus in vobis*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 2001.

⁷ *San Paolo*, setembro-outubro 1953; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 755.

bem e com perfeição o seu trabalho. Cada um assuma de coração a formação completa dos nossos”.⁸

2.6.3. *Atualização.* As diretrizes do Vaticano II sobre a formação do sacerdote (*Optatam totius*) e sobre o ministério sacerdotal (*Presbyterorum ordinis*) acentuam a preparação “pastoral” do sacerdote. Isso requer qualidades humanas, virtudes espirituais e capacidade para ser animador do povo de Deus. Os documentos eclesiais do pós-Concílio sobre a formação dos sacerdotes aprofundam o exercício do ministério sacerdotal em meio ao povo como o “**caminho particular da santificação**”, porque une a relação com Deus e o serviço a todo o povo.

Também o documento conciliar *Perfectae caritatis* apresenta o perfil do religioso como **síntese harmoniosa**: “Toda a vida religiosa dos membros deve estar impregnada de espírito apostólico e toda a atividade apostólica deve estar animada de espírito religioso” (n. 8).

Os documentos seguintes continuam a desenvolver essa mesma identidade: “Deixando-se guiar pelo Espírito no incessante caminho de purificação, os religiosos se tornam, dia a dia, pessoas cristiformes, prolongando na história a presença especial do Senhor ressuscitado” (*Vida consagrada*, n. 19). Em particular, os religiosos empenhados em atividade apostólica... “devem por fim cultivar sólida espiritualidade de ação, vendo Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus... A estreita união entre contemplação e ação permitirá, hoje como ontem, enfrentar as missões mais difíceis” (*idem*, n. 74).

A preparação do religioso deve caracterizar-se pelo carisma específico, porque se orienta totalmente para formar nele um “**apóstolo**” para uma **missão particular**: “Não existe concretamente vida religiosa ‘em si’, sobre a qual se insiram, como acréscimo subsidiário, o fim específico e o carisma particular de cada Instituto. Nos Institutos dedicados ao apostolado, não existe busca da santidade ou profissão

⁸ *San Paolo*, maio 1957; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 177.

dos conselhos evangélicos, ou de vida votada a Deus e ao seu serviço, que não esteja intrinsecamente ligada ao serviço da Igreja e do mundo” (*Potissimum institutioni*, n. 17).

“No exercício da missão apostólica, *ser e fazer* são inseparáveis, porque o mistério de Cristo constitui o fundamento absoluto de toda ação pastoral (*Partindo de Cristo*, n. 34).

2.7. O ministro do Apostolado da imprensa

(*AI*, c. VI; *AE*, primeira parte, segunda seção, c. I)

2.7.1. *Assuntos*. “Ministro ordinário e primário é o sacerdote. Podem fazê-lo, como ministro extraordinário e secundário, todos os fiéis, as mulheres também, e os hereges e infiéis de alguma forma... Na substância, origem, objeto e fim, o Apostolado da imprensa é a mesma coisa que o apostolado-palavra. Distingue-se apenas pela modalidade com que é exercido... Pois bem, sendo ministro ordinário e principal no apostolado-palavra, o sacerdote necessariamente o é também no Apostolado da imprensa” (p. 24s).

“É ao sacerdote que as almas são confiadas... Por isso, é claro o que provém da história: que os apóstolos, da maneira como pregaram, assim escreveram, e da mesma forma seus sucessores... Hoje, para o sacerdote, torna-se maior o dever, a oportunidade de desenvolver o Apostolado da imprensa” (p. 25).

No Apostolado da imprensa, o sacerdote tem **quatro funções**: *propor ao povo* (o sacerdote é mestre por eleição divina, por dever); *popularizar* (“as verdades divinas devem ser comunicadas da maneira como se dá a comunhão eucarística; a sagrada hóstia é o alimento de todos os fiéis, e assim a Palavra de Deus é alimento de todos os homens”); *aplicar* (estar vigilante contra as ideias erradas sobre a fé); e *defender* (“o Apostolado da imprensa se presta, mais e melhor que o apostolado-palavra, para a defesa do dogma e da moral cristã”).

A ciência sagrada é necessária para todos, e é certíssima: “O sacerdote-apóstolo da imprensa fala como quem tem autoridade,

porque exerce sua verdadeira missão, semelhante ao sacerdote que, revestido dos sagrados paramentos, fala do púlpito” (p. 28).

2.7.2. *Pensamento alberioniano*. Padre Alberione, durante toda a vida, permanecerá irremovível nesta sua ideia central: “Para realizar o Apostolado da imprensa é preciso ter coração sacerdotal. É apostolado eminentemente sacerdotal”.⁹ “O sacerdote não é apenas dignidade, é poder de ordem, é também essencialmente apóstolo. Os apóstolos são participantes do sacerdócio santo e régio, como dizem são Pedro e são Paulo; e a boa imprensa faz parte deste sacerdócio”.¹⁰

Movido pelas convicções expressas em *Anotações de teologia pastoral* e em *A mulher associada ao zelo sacerdotal*, a respeito da tarefa dos leigos, em particular da mulher, e observando as necessidades concretas do Apostolado da imprensa, o padre Alberione, servindo-se da categoria de “quase-sacerdote”, “estende” o sacerdócio paulino ao leigo consagrado, à irmã e ao leigo que age no mundo, fazendo referência a *1Pd 2,9*.

Chamando a atenção para a origem do Discípulo do Divino Mestre, ele recorda a presença dos leigos junto aos sacerdotes na história de outros Institutos e pergunta: Por que não dar hoje ao irmão leigo “uma participação no zelo sacerdotal, dando-lhe um quase-sacerdócio? Sacerdote que escreve, trabalho técnico que faz o Irmão ser multiplicador e difusor... Intimamente unidos na vida religiosa, Sacerdote e Discípulo, unidos no mesmo apostolado, preparando para si a coroa celeste!” (*AD 40*).

Em outra circunstância, explicando para as Filhas de São Paulo a missão da livraria, exclama: “O que são vocês? Eu diria que são *diaconisas*, diria *sacerdotisas*, da mesma forma com que se fala de

⁹ *Unione Cooperatori Buona Stampa*, 20 janeiro 1926; cf. *La primavera paolina*, organizado por Rosario F. Esposito ssp, Roma 1983, p. 669.

¹⁰ *Unione Cooperatori Buona Stampa*, 20 outubro 1923; cf. *La primavera paolina*, cit., p. 346.

Maria”.¹¹ O caráter “sacerdotal” do apostolado projeta luz sobrenatural também sobre os lugares e os meios de apostolado: “nossa igreja”, “nosso púlpito”, “sacramentais”, “realidades materiais para efeitos sobrenaturais”.

2.7.3. *Atualização.* Ao identificar a Igreja como “**povo de Deus**” e ao ilustrar a complementaridade entre “**sacerdócio comum dos fiéis**” e “**sacerdócio ministerial**” (cf. *Lumen gentium*, nn. 10-14), a reelaboração da eclesiologia, por parte do Vaticano II, envolveu na evangelização, a título pleno, todos os batizados, embora com funções diferentes: “A Igreja toda é missionária, e a obra evangelizadora é dever fundamental do povo de Deus” (*Ad gentes*, n. 35).

A exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* reassume a identidade da Igreja em sua missão: “Evangelizar é a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda. A Igreja existe para evangelizar” (n. 14). João Paulo II o confirma: “A Igreja é missionária por sua própria natureza” (*Redemptoris missio*, n. 62).

Bento XVI escreve: “Dado que todo o povo de Deus é povo ‘enviado’, o Sínodo reforçou que ‘a missão de anunciar a Palavra de Deus é tarefa de todos os discípulos de Jesus Cristo, como consequência do batismo que receberam’. Nenhum crente em Cristo pode sentir-se estranho a essa responsabilidade que provém da pertença sacramental ao Corpo de Cristo” (*Verbum Domini*, n. 94).

O Papa Francisco renova este apelo: “Em virtude do batismo recebido, cada membro do Povo de Deus se torna discípulo missionário. Cada batizado, seja qual for sua função na Igreja e o grau de instrução de sua fé, é sujeito ativo de evangelização, e seria inadequado pensar em algum esquema de evangelização que seja levado à frente por atores qualificados e no qual o restante do povo fiel seja apenas recebedor de ações alheias. A nova evangelização deve implicar novo protagonismo de cada um dos batizados (*Evangelii gaudium*, n. 120).

¹¹ *Alle Figlie di San Paolo, 1955*, FSP-Casa Geral, Roma 2010, p. 73.

2.8. *Três exigências no Apostolado da imprensa*

(AI, c. VII; AE, primeira parte, primeira seção, c. V)

2.8.1. *Assuntos. Sentir com Jesus.* “Significa ter o coração de Jesus em favor de todos os homens. Tal como se manifesta no seu ‘*Venite ad me omnes*’. O Apostolado da imprensa é universal... Por si, olha todo o conjunto, cada necessidade, cada obra, cada iniciativa. Tudo o que há no coração de Jesus está no coração do apóstolo da imprensa” (p. 29). Estão por isso incluídas as obras de instrução religiosa, de formação moral, de vida espiritual e de beneficência: “Para cada uma dessas necessidades pode haver periódicos, livros etc.” (p. 30).

Sentir com a Igreja. O apóstolo da imprensa ama a Igreja; lê e medita os documentos da Igreja; forma-se culturalmente à luz de textos aprovados pela autoridade eclesiástica; difunde os documentos do magistério e defende seus conteúdos. “O apóstolo da imprensa se torna a voz da Igreja, do Papa, do episcopado, do pároco, voz que se fortalece, que se une e se identifica no alto-falante, para chegar a todos, e a todos levar os benefícios da verdade, santidade e vida da Igreja” (p. 31).

Sentir com são Paulo em prol das almas. Como na pregação de são Paulo se espelhavam as exigências de seus ouvintes, assim “o apóstolo deve em tudo levar em conta as disposições das almas”. As verdades da fé são apresentadas “com o espírito de são Paulo”, o qual fala no areópago, aos Romanos, aos Gálatas, ou seja, levando em conta as convicções do público a quem se dirige. Também a vida moral deve ser apresentada de maneira adequada aos ouvintes. “O apóstolo da pena se torna tudo para todos” (p. 32), usando porém a caridade.

2.8.2. *Pensamento alberioniano.* Já se disse que toda a formação do apóstolo da imprensa é processo de progressiva “crisificação”, para que se possa adquirir a mesma ansiedade de Cristo pela salvação de todos, dando dimensão universal à missão.

A fidelidade aos ensinamentos da Igreja deve colocar-se em relação com a persuasão de que o Apostolado da imprensa é “**ministério**

sacerdotal” a realizar-se, não de acordo com as próprias convicções pessoais, mas como expressão das certezas de fé da comunidade, expressas com a autoridade do magistério papal.

Indicando são Paulo como modelo para o apóstolo da imprensa, o padre Alberione sublinha a capacidade do Apóstolo que **sabe adaptar-se ao público a quem se dirige**. Os conteúdos da vida de fé são idênticos, porém sua apresentação deve levar em conta os destinatários.

2.8.3. *Atualização*. O Concílio Vaticano II descreve o surgir da missão evangelizadora da Igreja a partir de Cristo, enviado pelo Pai, e lhe sublinha a **universalidade** e a **capacidade de saber adaptar-se**: “Para estar em grau de oferecer a todos os homens o mistério de salvação e a vida que Deus trouxe para o homem, a Igreja deve procurar sua inserção em todos os agrupamentos humanos, com o mesmo método com que o próprio Cristo, através de sua encarnação, se ligou àquele ambiente sociocultural dos homens, em meio aos quais viveu” (*Ad gentes*, n. 10).

A evangelização desejada pelo Vaticano II, que sabe harmonizar a universalidade das pessoas, a fidelidade ao pensamento comum de toda a Igreja e a capacidade de saber adaptar o Evangelho às situações concretas, será perspicaz na reflexão sobre a necessidade da **inculturação** da fé. Paulo VI afirma: “A evangelização perde muito de sua força e eficácia, se não leva em consideração o povo concreto ao qual se dirige, se não utiliza sua língua, seus sinais e símbolos, se não responde aos problemas por ele postos, se não desperta interesse sua vida real” (*Evangelii nuntiandi*, n. 63).

João Paulo II indica a **necessidade da inculturação**: “Desenvolvendo a atividade missionária entre os povos, a Igreja encontra várias culturas e se vê envolvida no processo de inculturação. Esta é uma exigência que lhe indicou todo o caminho histórico, exigência que hoje é particularmente acentuada e urgente... Com a inculturação, a Igreja encarna o Evangelho nas diversas culturas, e ao mesmo tempo

introduz, em sua própria comunidade, os povos com suas culturas” (*Redemptoris missio*, n. 52).

O Papa Francisco acentua a necessidade de **ter presentes as contínuas mudanças**, a fim de adequar o anúncio de Cristo: “Às vezes, ouvindo uma linguagem completamente ortodoxa, aquela que os fiéis recebem, ela mesma se torna algo que não corresponde ao verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo, devido à linguagem que eles utilizam e compreendem. Com a santa intenção de comunicar-lhes a verdade sobre Deus e sobre o ser humano, em algumas ocasiões damos a eles um deus falso ou algum ideal humano que não é verdadeiramente cristão” (*Evangelii gaudium*, n. 41).

2.9. Os católicos no Apostolado da imprensa

(*AI*, c. VIII; *AE*, primeira parte, segunda seção, c. V)

2.9.1. *Assuntos*. Todos os católicos têm parte importante no Apostolado da imprensa. Não se trata de empenho pelo qual somente alguns conservam o monopólio.

Escrever. Todos os católicos que escrevem nas várias disciplinas devem ser fiéis à doutrina e, escrevendo sobre a fé, devem ter preparação especial e submeter-se à verificação da hierarquia. Empenhar-se na imprensa é como empenhar-se no movimento de *Ação católica*, para formar pensamento cristão, servindo-se do jornalismo, aplicando os princípios católicos às várias disciplinas de estudo e aos numerosos âmbitos da vida individual e social.

Imprimir. Os católicos devem negar qualquer apoio e contribuição à má imprensa. Ao contrário, que se empenhem, com todos os meios, no apoio à boa imprensa, mediante ofertas, alguma nova forma de “óbolo pela fé”; que lhe deem acompanhamento com a oração: “esta é a grande força de todo apostolado. Realmente, a oração desperta apóstolos” (p. 36); oferecem novos apóstolos, porque: “Se a tinta vale quanto vale o sangue dos mártires” (*ibidem*), vale a pena encorajar os jovens.

Propaganda e leitura. Os católicos se abstenham de leituras contrárias a fé, nutram-se com boas leituras, empenhem-se para impedir a difusão de publicações más e para difundir textos da Sagrada Escritura, da hierarquia da Igreja, de escritores santos, criando bancas, revendas, livrarias, bibliotecas, salas de leitura, distribuição diante das igrejas ou itinerante, ou angariando assinaturas. “No Apostolado da imprensa, a questão é de propaganda, muito mais do que geralmente se possa crer e pensar; e a propaganda em muitos lugares está em mãos de católicos” (p. 38).

2.9.2. *Pensamento alberioniano.* Na mente do padre Alberione, o início da Sociedade de São Paulo coincide não apenas com o dar vida a uma **organização** especializada que se serve da imprensa para evangelizar, mas também com a **iniciativa** de sensibilizar, atrair e partilhar com **todos os católicos** uma mobilização em favor da imprensa.

Para enfrentar a obra de descristianização atuada pela má imprensa, é “dever dos católicos opor arma a arma, isto é, imprensa a imprensa; boa imprensa a má imprensa; muita, muita imprensa a muita, muita imprensa... Hoje, mais que nunca, temos necessidade de boa imprensa. Bendito apostolado da boa imprensa!”¹²

No decreto *Inter mirífica*, padre Alberione encontra o **envolvimento de toda a Igreja** na evangelização com a comunicação: “A festa de Jesus Mestre em 1964 se reveste de solenidade especial. Realmente, o nosso apostolado aprovado, louvado, e estabelecido como dever para toda a Igreja, segundo as diversas condições: Santa Sé, episcopado, o clero religioso e secular, o laicato e todos os fiéis: imprensa, cinema, rádio, televisão e semelhantes”.¹³

2.9.3. *Atualização.* A Providência dispôs que padre Alberione pudesse ver aprovada e estabelecida para **toda a Igreja** a evangelização com a comunicação. “O Concílio Vaticano II exorta e incentiva os

¹² *Unione Cooperatori Buona Stampa*, 10 abril 1922; cf. *La primavera paolina*, cit., p. 641.

¹³ *San Paolo*, dezembro 1963; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 323.

católicos a considerarem séria e profundamente os novos deveres que para eles, de acordo com a fé, derivam dos modernos instrumentos de comunicação” (*Communio et progressio*, n. 101).

Paulo VI encoraja **todos os católicos** a evangelizarem com a comunicação: “A Igreja se sentiria culpada diante do seu Senhor, se não empregasse esses poderosos meios que a inteligência humana torna dia a dia mais aperfeiçoados; servindo-se deles, a Igreja ‘prega sobre os telhados’ a mensagem de que é depositária. Neles, ela encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles, ela consegue falar às multidões” (*Evangelii nuntiandi*, n. 45).

Apresentando os meios de comunicação em relação à “**nova evangelização**”, *Ætatis novae* reafirma: “A utilização dos meios tornou-se essencial à evangelização e à catequese... Os meios de comunicação social podem e devem ser instrumentos a serviço do programa de reevangelização e de nova evangelização da Igreja no mundo contemporâneo” (n. 11).

2.10. O trabalho material no Apostolado da imprensa

(*AI*, c. IX; alguns temas são tratados em *AE*, segunda parte, primeira seção, c. XXIX)

2.10.1. *Assuntos*. O trabalho material no Apostolado da imprensa está a serviço da evangelização.

É a sábia atividade humana que desde sempre tem procurado os meios aptos para “dar o bom, dar o verdadeiro, dar o belo” (p. 39). Para descrever todo o processo laboral da imprensa, podem-se incluir sob a denominação de “impressão” os vários tipos de suporte, sobre os quais se pode imprimir: as fábricas e os vários tipos de papel, a composição, os maquinários de imprensa e a confecção. Todos esses elementos do processo de imprensa passam por contínua evolução e melhoramento.

Atividade humana utilizada para o apostolado: “Jamais, no curso dos séculos, as criaturas foram tão mobilizadas e nobilitadas.

Elas concorreram para formar Jesus Cristo nas almas, como a água no batismo” (p. 41). O apóstolo da imprensa chama todas as invenções criadas pelo homem para anunciarem Deus e poderem imprimir, como uma alma repleta de fé e amor convida toda a criação a louvar a Deus (*ibidem*).

Com todos os meios melhores. *Meios humanos:* “Como em tempos passados os monges copiavam os pergaminhos antigos e as mulheres e os discípulos de São Paulo multiplicavam e levavam as cartas, assim hoje” são necessários: “famílias religiosas... leigos... sacerdotes... leigos livres” que se empenham pelo apostolado da imprensa (p. 42).

Meios econômicos: muitos meios servem para várias iniciativas. *Meios mecânicos:* mais rápidos, mais econômicos e convenientes, mais em grau de difundir. “O apóstolo faz crescer rosas e lírios no meio de detritos e transforma trapos em papel para o Evangelho” (p. 43).

2.10.2. *Pensamento alberioniano.* A apresentação da imprensa como “criatura” que deve ser um louvor a Deus é convicção que padre Alberione tem e transmite também a seus primeiros seguidores: “Estas máquinas maravilhosas se tornam queridas e veneradas como o púlpito é sagrado e venerando para o orador sacro... Como são belas as máquinas destinadas para os que evangelizam o bem! O apóstolo da boa imprensa sente diante das máquinas algo mais do que sentia São Francisco quando lhe saía da alma o hino ao Irmão Sol”.¹⁴

Pondo a imprensa e toda a comunicação a serviço do Evangelho, padre Alberione considera as tecnologias como “**matéria que serve para obter frutos sobrenaturais**”: “O nosso apostolado tem sua parte material que se assemelha à indústria ou ao comércio, mas que não é nem isto nem aquilo... No apostolado, a matéria (indústria ou comércio) serve para efeitos sobrenaturais, ‘utilizando os meios mais frutuosos e rápidos na divulgação da doutrina.’”¹⁵ Por essa razão,

¹⁴ *Unione Cooperatori Buona Stampa*, 15 julho 1921; cf. *La primavera paolina*, cit., p. 141.

¹⁵ *San Paolo*, fevereiro 1952; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., pp. 915-916.

as máquinas eram “batizadas” com nome religioso e apareciam nas procissões pelos pátios da comunidade; assim também a tipografia era considerada “como igreja” e a livraria como “púlpito”.

2.10.3. *Atualização.* A **evolução** do magistério universal sobre a comunicação, desde a invenção da imprensa até hoje, permitiu superar uma visão negativa, quase “diabólica”, das tecnologias de comunicação, para atingirem, ainda antes do Vaticano II e sobretudo com *Inter mirifica*, a definição de “**dons de Deus**”, que podem ser empregados pela liberdade do homem tanto para o bem como para o mal.

Refletindo então sobre o desenvolvimento de cada um dos meios de comunicação que, para além da visão “positiva”, aumentam de número e se conectam nos efeitos sobre o público, o magistério universal sobre a comunicação advertiu que a comunicação passou da característica de “**cultura de massa**” para ser hoje “**verdadeira cultura inédita**”, com a comunicação digital.

Por consequência, o empenho de evangelização não pode limitar-se ao emprego de tecnologias para difundir a doutrina da Igreja, mas é preciso “**repensar**” os conteúdos da fé, a fim de exprimi-los nesse novo modo de existir do indivíduo e da sociedade.

2.11. *Maria, Rainha da história*

(*AI*, c. X; *AE*, primeira parte, segunda seção, c. XII)

2.11.1. *Assuntos.* A tarefa de Maria se descreve com estreita referência à Trindade e à história da salvação, porque a Virgem “presidiu à ideia criadora de Deus, preside ao seu desenvolvimento e presidirá à sua consumação” (p. 44ss).

“Maria é mãe da Igreja em Pentecostes. Eis aí a Rainha dos Apóstolos” (p. 46). O apóstolo da imprensa tem para com Maria “missões especiais”: prestar-lhe culto especial e envolvê-la em cada iniciativa apostólica. “Deus é o nosso modelo. E como ele agiu colocando tudo em Maria, assim convém que o façamos também nós” (p. 47).

2.11.2. *Pensamento alberioniano*. A presença da mãe de Deus na experiência espiritual do Primeiro Mestre é uma constante e teve início nos primeiros anos de sua educação na fé, com o exemplo da devoção de sua mãe. Quando, nos primeiros anos de 1920, substitui a devoção à Imaculada por Maria Rainha dos Apóstolos, ele entende caracterizar o carisma paulino, dando Maria como **modelo de apostolado com a imprensa**.

“Os editores possuem a palavra, a multiplicam, a difundem vestida de papel, tipos e tinta. Eles têm, no plano humano, a missão que Maria teve no plano divino. Ela foi mãe do Verbo divino. Ela captou o Deus invisível e o tornou visível e acessível aos homens, apresentando-o em carne humana”.¹⁶

Desde sua primeira publicação, *A Bem-aventurada Virgem das graças de Cherasco* (1912), até *Maria nossa esperança* (1938), *Nossa Senhora de Fátima* (1943), *Maria Rainha dos Apóstolos* (1948), “*Fioretti*” *para o mês de maio* (1948), *Maria discípula e mestra* (1959), *A Mãe da divina graça* (1966), e incluindo a copiosa pregação sobre Maria Rainha dos Apóstolos, a **reflexão mariológica** produzida por padre Alberione testemunha que o carisma paulino tem, na **característica “mariana”, sua dimensão constitutiva e irrenunciável**.

A adoção do título **Rainha dos Apóstolos**, como foi explicada, representada e continuamente pregada pelo Fundador, constitui herança que é preciso aprofundar com a mariologia do Vaticano II.

2.11.3. *Atualização*. A devoção à Virgem Maria, para o padre Alberione, era **componente essencial** da sua vida de fé e da sua atividade de fundador, ainda que no conjunto de sua reflexão, em grande parte, ele seja devedor do contexto teológico anterior ao Concílio Vaticano II, que se caracteriza por especial exaltação de Maria e por intensas e diversas práticas de culto popular.

¹⁶ *San Paolo*, novembro-dezembro 1954; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 599.

O Concílio Vaticano II, ao falar de modo orgânico sobre a Virgem Maria, no capítulo 8º da *Lumen gentium*, e ao inserir a **teologia mariana** no contexto da **eclesiologia** e da **crisologia**, oferece argumentos oportunos para a descrição que o Primeiro Mestre traça sobre Maria Rainha dos Apóstolos: “Também na sua obra apostólica, a Igreja muito justamente olha para aquela que gerou o Cristo, concebido pelo Espírito Santo e nascido da Virgem, para nascer e crescer também no coração dos fiéis por meio da Igreja. De fato, a Virgem, na sua vida, foi modelo daquele amor materno, do qual devem estar animados todos os que na missão apostólica da Igreja cooperam para a regeneração dos homens” (n. 65).

Na exortação apostólica *Marialis cultus* (2/2/1974), Paulo VI apresenta a fecundidade da Virgem Maria como modelo da Igreja, a qual “se torna mãe também, pois, com a pregação e o batismo, gera para a vida nova e imortal os filhos, concebidos por obra do Espírito Santo e nascidos de Deus” (n. 19).

Na encíclica *Redemptoris Mater* (25/3/1987), João Paulo II retoma o mesmo tema: “Se a Igreja é sinal e instrumento da íntima união com Deus, assim o é em razão de sua maternidade; porque, vivificada pelo Espírito, gera filhos e filhas da família humana para uma vida nova em Cristo. Pois, assim como Maria está a serviço do mistério da encarnação, também a Igreja permanece a serviço do mistério da adoção de filhos mediante a graça” (n. 43).

2.12. Santa Missa em honra de Jesus Mestre

(*AI*, c. XI; *AE*, primeira parte, segunda seção, c. VII)

2.12.1. *Assuntos*. Entre todos os métodos para “assistir com devoção e fruto a Missa, pode-se propor, ao estudioso e ao apóstolo da imprensa, também o método em honra de Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida” (p. 48).

Jesus Verdade: desde o princípio até o ofertório. É o momento em que a mente escuta e medita a Palavra de Deus e as verdades a comunicar com o Apostolado da imprensa.

Jesus Caminho: desde o ofertório até o Pai-nosso. Jesus é o caminho para o apostolado, porque ensina ao apóstolo da imprensa a dedicação ao próximo, a ponto de dar a vida pelas almas.

Jesus Vida: do Pai-nosso até o fim da Missa. A comunhão nos incorpora em Cristo de tal maneira que as obras do apóstolo da imprensa se tornam obras de Jesus.

2.12.2. *Pensamento alberioniano.* O Primeiro Mestre descreve a celebração eucarística no contexto teológico dos anos 1930, considerada então o principal e mais completo ato “devocional” e celebrada em língua latina. Inserido nesse fundo teológico, ele reflete com originalidade e põe a celebração eucarística em **estrita referência com o apóstolo da imprensa**, celebração que deve nutrir nele a mente, o coração e a vontade, para que possa nutrir as almas, servindo-se da imprensa.

O padre Alberione não somente escolheu **modelos espirituais específicos:** Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida, Maria Rainha dos Apóstolos e São Paulo para conciliá-los com o Apostolado da imprensa, mas adaptou **todas as práticas de piedade** em função do amor a Deus que deve com a imprensa transformar-se em amor ao próximo.

A preciosidade do *Livro de orações da Família Paulina* deve-se ao fato de ser **uma das atividades mais significativas de toda a obra de padre Alberione**, o qual soube criar harmonia entre contemplação e ação apostólica: contemplação ativa e atividade apostólica contemplativa.

O Fundador descreve o *Livro de orações* em sua relação com as Constituições: “Os artigos das Constituições são frios e descarnados: precisam ter alma; e esta lhes foi dada com a composição de orações, coroações, instruções, tais como se acham em nosso livro de orações. Amá-las, recitá-las de coração; pouco a pouco entra no ânimo o espírito da Congregação” (*UPS*, I, 47).

2.12.3. *Atualização.* A reforma litúrgica do Vaticano II e os documentos do magistério universal referentes à vida consagrada oferecem **material precioso e abundante** para repensar, com catego-

rias teológicas mais sólidas e completas, o estilo que padre Alberione ofereceu da celebração eucarística e, de maneira geral, das práticas de piedade apoiadas no **método Caminho, Verdade e Vida**, definido por ele mesmo como “um dos métodos possíveis”, também como o **mais útil** para a Família Paulina.

Para atualização eficaz da “espiritualidade apostólica” de padre Alberione, é necessário conhecer bem tanto a sua formulação original como os ensinamentos e diretrizes da Igreja, desde o Vaticano II até hoje. Seria erro pensar numa simples substituição de terminologia ou numa série de citações conciliares. É necessário um repensar que saiba **unir solidamente** a reflexão teológica e a preocupação pastoral com a comunicação, a exemplo do Primeiro Mestre.

Também mediante o estilo da espiritualidade e de todas as práticas de piedade, a partir do Vaticano II, pouco a pouco **superou-se a distinção “cronológica de tempos sucessivos”** entre contemplação e ação, porque é na contemplação mesma que está incluída a ação, e na ação está a contemplação. Corrigindo a fórmula de “ser discípulos de Cristo para depois ser apóstolos”, o Papa Francisco afirma na *Evangelii gaudium*: “Já não dizemos que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas que somos sempre ‘discípulos missionários’ ” (n. 120).

2.13. A Visita do apóstolo da imprensa

(AI, c. XII; AE, primeira parte, segunda seção, c. X)

2.13.1. *Assuntos*. “A visita para o apóstolo da imprensa é o discípulo que vai entreter-se com seu Mestre Caminho, Verdade e Vida” (p. 53).

Ir à escola de Jesus. Na escuta da Palavra de Deus, nutrir a mente com os conteúdos da experiência de fé a serem comunicados em seguida aos outros.

Recopiar Jesus. Após ter aprofundado os ensinamentos da fé, examinar a própria conduta para uniformizar a nossa vontade com a de Jesus, apóstolo do Pai.

Reconfirmar a comunhão. Assimilar a vida divina para alimentar o desejo de assemelhar-se a Cristo na sua missão recebida do Pai.

2.13.2. *Pensamento alberioniano.* A **dimensão eucarística do carisma paulino** foi continuamente vivida e sublinhada pelo padre Alberione: “A nossa piedade é em primeiro lugar eucarística. Tudo nasce do Mestre eucarístico como de fonte vital. Assim a Família Paulina nasceu do Tabernáculo, assim ela se alimenta, assim vive, assim age, assim se santifica. Da Missa, da Comunhão, da Visita eucarística, tudo: santidade e apostolado” (*UPS*, II, 10).

O carisma paulino é **eucarístico**, porque se nutre do alimento sobrenatural que depois deve comunicar aos outros com o apostolado: o apóstolo da imprensa, nutrido pelo “pão de Cristo”, com o seu apostolado deve oferecer a experiência da fé com o testemunho da comunicação, a qual deve considerar-se como “pão” que se adapta à boca de cada um. **A característica eucarística está em função pastoral: saber como adequar o pão do Evangelho à fome do povo que é evangelizado com a imprensa.**

Explicando as intenções que devem acompanhar a Missa, padre Alberione afirma: “Participar da Missa com uma consciência social é transformá-la no mais vivo apostolado” (*Às Famílias Paulinas*, 1954, p. 49).¹⁷

2.13.3. *Atualização.* A prática paulina da visita eucarística, herança inalienável recebida do Fundador, ganha em motivação se for enriquecida de tudo o que o Vaticano II e o magistério universal pós-conciliar ensinam sobre a **celebração eucarística** e sobre o **culto eucarístico fora da Missa**, em particular a encíclica *Mysterium fidei* (3/9/1965) de Paulo VI, a instrução *Eucharisticum mysterium* (25/1/1967), o novo *Ritual romano* (21/6/1973), a encíclica de João

¹⁷ Cf. *Anima e corpo per il Vangelo*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 2005, p. 162. (Tradução brasileira: *Alma e corpo para o Evangelho*, Paulus, 2014).

Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia* (17/4/2003), e a exortação apostólica *Sacramentum caritatis* de Bento XVI (22/2/2007).

A celebração eucarística, entendida como celebração do povo de Deus, dá o **significado** também à adoração eucarística de cada um e da comunidade, conservando a característica de **contemplação para a missão**, de um retirar-se com Deus em companhia do público a ser evangelizado, não se tornando piedosa prática solitária e intimista.

2.14. A comunhão do apóstolo da imprensa

(*AI*, c. XIII; *AE*, primeira parte, segunda seção, c. VIII)

2.14.1. *Assuntos*. “A comunhão é a união do homem com Deus... A união deve ser completa: da mente, da vontade, do coração” (p. 58). Para a comunhão, é necessária uma preparação e agradecimento que envolvam a pessoa toda.

União da mente. Adorar a Jesus, Mestre da Verdade, que nos ensina a raciocinar cristãmente e a pensar teologicamente.

União da vontade. Uniformizar a nossa vontade com a vontade de Deus.

União do coração. Atingir a sintonia com o coração de Cristo.

“Vamos então beber a Vida, receber Jesus como alimento! Depois, retornemos, levando Jesus Cristo à nossa frente por toda parte” (p. 62).

2.14.2. *Pensamento alberioniano*. Somente com o decreto *Sacra Tridentina Synodus*, de 20 de dezembro de 1905, os fiéis são convidados à comunhão frequente e até cotidiana. Pio X estenderá a comunhão frequente também para as crianças. Levando em conta a maneira como era considerada a comunhão na prática cristã da época, é preocupação do padre Alberione convidar para a comunhão frequente, não como ato devocional, mas qual modo eficaz para progredir no processo de assimilação a Cristo, e ser possível em seguida oferecer essa experiência com o Apostolado da imprensa.

2.14.3. *Atualização*. Com a reforma litúrgica, resultou ainda mais evidente que toda reflexão sobre a comunhão está inserida no pensar e viver a celebração eucarística como povo de Deus, assembleia convocada pelo Espírito de Cristo. “A união com Cristo, que se realiza no Sacramento, também nos habilita para uma novidade de relações sociais: a mística do Sacramento tem caráter ‘social’... Dessa consciência nasce a vontade de transformar também as estruturas injustas, a fim de restabelecer o respeito pela dignidade do homem, criado à imagem e semelhança de Deus” (Bento XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 89).

2.15. *Ordem do Apostolado da imprensa*

(AI c. XIV; AE, primeira parte, primeira seção, c. III)

2.15.1. *Assuntos. A doutrina da Igreja*. Os conteúdos a serem comunicados como primeiros são os conteúdos do Catecismo e dos textos de disciplinas teológicas. A Igreja, através do Papa, garante as verdades de fé contidas no **catecismo** e na **teologia**. “O apóstolo da imprensa não é nada mais que repetidor ou porta-voz, ou ainda uma voz da Igreja, do Papa, dos bispos, do sacerdote católico” (p. 64).

A Sagrada Escritura. Para colher a verdade, a Igreja serve-se da Sagrada Escritura e da Tradição. A Sagrada Escritura é a “carta” que o Pai escreveu aos homens e que deve ser lida com ordem: os livros históricos, os livros proféticos e os livros sapienciais. Existem métodos para estudos especializados da Escritura. Se ao invés alguém se contenta com leitura devota, são úteis bons comentários que tenham “espírito pastoral” (p. 65).

A Tradição. A doutrina divina transmitida a viva voz, não fixada na Escritura, foi posta por escrito sucessivamente pelos Santos Padres, pelos Doutores, pelos Santos e por atos conciliares e papais, pela vida concreta da comunidade eclesial (p. 65s).

2.15.2. *Pensamento alberioniano*. A ordem dos conteúdos da evangelização com a imprensa, que o padre Alberione traça, deve-se **compreender** tendo em vista a escassa ou quase nula cultura

religiosa, sobretudo das massas distantes da Igreja e das precauções, que se tornaram também proibições ou censuras, que a hierarquia eclesiástica praticava ao colocar o povo em contato direto com a Sagrada Escritura.

Em 1960 ele repete: “Na hierarquia das edições, segundo as Constituições, tem o primeiro lugar a doutrina da Igreja, como se encontra nas Atas da Santa Sé, nos catecismos, nos livros de teologia aprovados e nos livros litúrgicos. Na procura das fontes onde a Igreja bebe, está em primeiro lugar a Sagrada Escritura; em segundo lugar a Tradição eclesiástica” (*UPS*, III, 7).

2.15.3. *Atualização.* A **difusão da Bíblia** era o empenho prioritário do Fundador, e que ele deixou como herança: “No apostolado das edições, próprio do nosso Instituto, o livro que devemos particularmente difundir é a Bíblia: mais do que todos e antes de todos, e sempre” (*UPS*, III, 12). “Já que se deve dar a todos os homens a Bíblia, os comentários deverão ser proporcionais e adaptados à mentalidade e necessidades das várias classes de pessoas, especialmente diferentes por cultura. Em resumo, uma Bíblia repleta de catecismo e liturgia; um Catecismo repleto de Bíblia e liturgia; uma Liturgia repleta de catecismo e de Bíblia” (*UPS*, III, 17).

2.16. *As ilustrações*

(*AI*, c. XV; *AE*, segunda parte, primeira seção, c. XXVIII)

2.16.1. *Assuntos. O que são.* “As ilustrações são figuras que servem para explicar o texto escrito. Podem ser figuras históricas, geométricas, científicas, artísticas, filosóficas, teológicas, desenhos, paisagens, demonstrações etc.” (p. 67). Algumas figuras servem para esclarecer o pensamento da mente, outras para facilitar a vontade, e outras despertam o sentimento bom e piedoso.

Importância das ilustrações. “A arte, inclusive a das ilustrações, é o meio natural que ajuda a mente para seguir a verdade, a vontade

para abraçar a virtude, o coração para receber a graça, no Apostolado da imprensa” (p. 68s). Mediante as ilustrações, aprende-se mais facilmente a verdade, mais facilmente se abraça a vontade divina e o coração é levado com mais docilidade a Deus.

Prática. “Com frequência a ilustração vale um artigo, um livro para todos... Para quem não sabe ler, para os que falam outra língua, pode-se dar toda a religião em 52 quadros... Então, o pintor se torna pregador, missionário e mestre” (p. 70).

Dado que a ilustração está a serviço do texto, é preciso, acima de tudo, compreender bem o pensamento do autor que alguém deseja ilustrar, e sendo destinada ao público, é preciso também que seja adequada a cada categoria de público.

2.16.2. *Pensamento alberioniano.* A sensibilidade pastoral de padre Alberione põe a serviço da evangelização não somente a palavra oral e escrita, mas também a **imagem**, por seu poder expressivo. Aqui se colocam as premissas para valorizar **a imagem fixa**, desde a pintura até a fotografia, **a imagem em movimento e audiovisual** do cinema e da televisão, e hoje da **multimedialidade e digital**.

O apostolado do carisma paulino inclui todas as formas e linguagens da comunicação, na convicção de que nenhuma atividade expressiva humana em particular tem o monopólio da evangelização, mas todas podem traduzir a experiência de fé, para ser proposta a outros.

“Pode-se dar a religião toda em figuras: todos os sacramentos, a paixão de Cristo, o paraíso, a eternidade, o juízo, os conselhos evangélicos, as obras de misericórdia temporal e espiritual, as devoções a Nossa Senhora, a São Paulo... tudo se pode explicar com figuras. É preciso até dizer que o apostolado da imprensa tem grandes meios para se desenvolver”.¹⁸

A atenção e o cuidado com os detalhes que o Primeiro Mestre pede na **construção** do templo de São Paulo em Alba, do santuário

¹⁸ *Alle Figlie di San Paolo, 1929-1933*, vol. I, FSP-Casa Geral, Roma 2005, p. 536.

de Maria Rainha dos Apóstolos e da igreja do Divino Mestre em Roma, são provas de como ele, também através da arquitetura, da pintura, da escultura e da confecção de alfaias litúrgicas, quis traduzir a integralidade do carisma paulino.

2.16.3. *Atualização*. Uma vez superada a polêmica discussão com a iconoclastia (Concílio de Niceia em 787), a Igreja sempre valorizou a arte para exprimir a fé e, a partir do Vaticano II, o magistério universal se expressou várias vezes para encorajar o **relacionamento entre arte e fé**. Na **mensagem aos artistas**, no encerramento do Vaticano II, afirma-se: “Vós tendes ajudado a Igreja a traduzir a sua divina mensagem na linguagem das formas e das figuras, a tornar sensível o mundo invisível. Hoje como ontem, a Igreja precisa de vós e se volta para vós” (8/12/1965).

Paulo VI aprofundou esse apelo: “Nós precisamos de vós. O nosso ministério tem necessidade da vossa colaboração. Porque, como sabeis, o nosso ministério é o de pregar e tornar acessível e compreensível, mais ainda, comovente, o mundo do espírito, do invisível, do inefável, de Deus. E nessa operação, que expressa o mundo invisível em formas acessíveis, inteligíveis, vós sois mestres. É função vossa, a vossa missão; e a vossa arte é precisamente a de extrair do céu do espírito seus tesouros e revesti-los de palavra, de cores, de forma, de acessibilidade” (*Homilia na “Missa dos Artistas”, 7/5/1964*).

2.17. *O boletim paroquial*

(*AI*, c. XVI; *AE*, segunda parte, primeira seção, c. XX)

2.17.1. *Assuntos*. **O que é**. “O boletim paroquial é a voz do pároco que se repete, também do púlpito de papel, para chegar a todos os seus filhos (...). É a dedicação bondosa do pastor que também quer atingir todas as almas, especialmente as almas que não vão à igreja procurar pelo pároco; ao contrário, ficam longe, ou talvez estejam errantes fora do caminho de salvação... É o sino de papel da paróquia” (p. 72s).

Importantíssimo meio pastoral. O boletim paroquial serve: 1) para aqueles que vão à igreja, porque coloca por escrito o que ouviram de viva voz; 2) aos que não frequentam a igreja, aliás numerosos: “talvez não haja outro meio para chegar aos ausentes” (p. 74); 3) aos adversários, aos migrantes; 4) ao pároco, para que “se faça tudo para todos” os que querem ler; 5) para desenvolver todas as atividades paroquiais.

Prática. O boletim paroquial é útil, se escrito pelo pároco e trata de matérias religiosas; é “a pregação escrita” (p. 76) e é o informativo da vida paroquial; deve contar com uma organização em grau de distribuí-lo a cada família; é necessária a participação de todos para as despesas indispensáveis.

2.17.2. *Pensamento alberioniano.* Nos anuários da *União dos Cooperadores da Boa Imprensa* pode-se observar como o Fundador atribui grande importância ao boletim paroquial, ao explicar as diversas funções que este cumpre e ao solicitar aos párocos a considerá-lo qual meio mais adequado para atingir também todos os que se acham distantes da prática da fé.

Nessa perspectiva, o boletim paroquial constitui **a iniciativa de ligação** entre “a pregação oral e a pregação escrita”. De fato, enquanto serve para reforçar com o escrito a fé dos que já vão à igreja, é também o meio mais útil para chegar aos que não frequentam.

2.17.3. *Atualização.* A história dos boletins, e mais em geral das revistas ligadas às paróquias, pode documentar os tempos do desenvolvimento florescente, do sucessivo redimensionamento e da passagem, para muitos, da versão do papel para os *sites* paroquiais presentes em redes sociais. Assim, continua atual **a organização da comunicação nas dioceses e paróquias**, não só com a preocupação de oferecer informações, mas também como possibilidade de diálogo com todos os que não creem ou não praticam.

2.18. A biblioteca paroquial

(AI, c. XVII; AE, segunda parte, primeira seção, c. XXXIV)

2.18.1. *Assuntos. O que é.* “É a continuação e o complemento da ação que o pároco cumpre na igreja. A biblioteca paroquial, no sentido pastoral do que só tencionamos falar, pode-se chamar o complexo de livros e atividades que o pároco, por espírito religioso, exerce através de leituras sadias” (p. 78). A biblioteca tem dois fins e dois tipos de livros: livros para manter as pessoas longe das más leituras e livros para “completar a função do púlpito e do cuidado pastoral na igreja” (*ibidem*).

Há bibliotecas para todo tipo de empenho pastoral, sobretudo livros de ascética, que “têm por escopo completar a obra do confessorário”; livros de caráter ameno e educativo, como alternativa perante livros de conteúdo negativo; livros de cultura para satisfazer as curiosidades do conhecimento; livros de religião. A biblioteca tem caráter pastoral: “é a *longa vox* do pastor a suas ovelhas, a continuação do seu ministério que tem por centro a igreja” (p. 79).

Importância. A biblioteca é “centro de irradiação da verdade” (*ibidem*). Falando do púlpito para a massa do povo, o pároco nem sempre consegue adaptar-se às necessidades de cada um, “mas, ao entregar o livro, procura exatamente o que responde às necessidades especiais. A obra da biblioteca é sábia, mesmo onde não se lê muito, porque é meio de pregação” (*ibidem*).

A obra da biblioteca é dupla: preserva das más leituras e oferece formação espiritual e moral. O confessor pode servir-se dela para indicar livros “que completem a obra do confessorário” (p. 80); o pároco “pode pôr-se em relação e conhecer muitos fiéis que talvez dele não se aproximassem de outra forma” (*ibidem*), e a biblioteca pode também “tornar-se centro de difusão para os catecismos e bons periódicos” (p. 81).

Prática. “A biblioteca será tanto mais bem formada quanto mais for pastoral” (p. 81), capaz de responder às expectativas de toda a população, tendo em mira não só os devotos, mas “especialmente

quem é menos religioso” (*ibidem*). Além disso, há de ser prevalentemente religiosa e agir de maneira que as demais publicações possam convergir para reforçar a fé.

O pároco cuidará diretamente da biblioteca, escolhendo os livros e oferecendo-os com inteligência e amor: “Conhecer os livros e conhecer os leitores intimamente. Quanto mais o livro corresponder a cada necessidade das pessoas, tanto mais eficaz ele será. Grande responsabilidade, mas utilíssimo dever, será a de examinar muito bem os livros, conhecer-lhes o conteúdo, pelo menos sumariamente; examinar cada pessoa e a condição de seu espírito. Do alto do púlpito, uma coisa é o que se prega aos adultos; outra é o que se diz às crianças; da mesma forma, quando se devem proporcionar os livros, no empréstimo, às pessoas” (p. 81s).

2.18.2. *Pensamento alberioniano*. Já em *Anotações de teologia pastoral*, padre Alberione encorajava o pároco a munir-se de “uma biblioteca circulante”, porque “o bom livro é amigo fiel; mais ainda, é pregador que fala nos momentos mais oportunos” (n. 339). Também em *A mulher associada ao zelo sacerdotal*, confia-se ao zelo feminino o empenho pela boa imprensa e pela constituição de uma biblioteca volante (cf. nn. 193-194).

Nos dois volumes, ele cita alguns “boletins” que informam regularmente sobre a publicação de novos livros, dando também uma avaliação dos conteúdos. Essa é uma ideia que levará o Primeiro Mestre a fundar, como parte do Apostolado da imprensa, a *Associação geral de bibliotecas*, apresentada pela primeira vez em *União dos Cooperadores da Boa Imprensa* de 27 de março de 1923, já operante em 1921. Escopo da AGB é este: “Unir todos os esforços isolados para dar maior desenvolvimento à instrução científica, profissional, educativa e moral das massas, graças à circulação de ótimos livros, adaptados à capacidade e às diferentes necessidades dos leitores”.¹⁹

¹⁹ Cf. *La primavera paolina*, cit., p. 719.

Em 1960, o Primeiro Mestre repete: “A Pia Sociedade de São Paulo na Casa Mãe (Alba) instituiu a *Associação geral de bibliotecas*, comumente abreviada na sigla AGB. Agora se trata de *revigorá-la, atualizá-la, reordená-la*: necessidade que se tem manifestado sempre mais nos últimos anos” (UPS, IV, 61).

Também a “**propaganda a domicílio**”, confiada de modo particular à generosidade e aos sacrifícios das Filhas de São Paulo, é uma forma de “difusão” do livro em todo lugar e em cada família, sabendo adaptar o livro às necessidades de cada pessoa que a gente encontra.

Em 1946, o Fundador dá início também ao *Boletim bibliográfico internacional*, com o escopo de ser mensalmente “a resenha racional das melhores publicações em nível internacional”, a se oferecer também como serviço às bibliotecas. A revista se encerrará em 1971.

2.18.3. *Atualização*. Impulsionado pela necessidade de levar em conta os “sinais dos tempos” na evangelização, o Vaticano II fez imergir em toda a comunidade eclesial o desejo de melhorar a fé dos que creem e entrar em diálogo com quem tem outras crenças ou nenhuma. A Igreja, definida como povo de Deus, tem consciência de ser enviada a **todos os povos**, seja para testemunhar explicitamente o Cristo, seja para animar, com os valores cristãos, as realidades terrenas, inclusive a **cultura**.

As iniciativas editoriais de padre Alberione – os boletins paroquiais e as bibliotecas paroquiais – consideradas como **parte importante do Apostolado da imprensa**, manifestam sua sensibilidade pastoral para com o povo e com aqueles que não creem, a fim de os atingir também mediante o ministério do pároco, da mulher e em seguida pelo sacerdócio paulino, com sua evangelização específica.

As exposições de livros, revistas e objetos em paróquias, a iniciativa da livraria móvel que alcança centros habitados isolados, o lançamento de novidades livreiras com entrevista do autor, o envio de novidades e catálogos etc., são continuidades da urgência de encontrar modos originais para atingir o vasto público também hoje.

2.19. *Como dar a doutrina da Igreja aos principiantes*

(AI, c. XVIII; AE, segunda parte, primeira seção, c. IV)

2.19.1. *Assuntos. O que é.* Trata-se da popularização da “doutrina cristã: é a grande imprensa, é a pregação ordinária do apóstolo” (p. 83). A primeira instrução religiosa se dirige às crianças, ao povo e aos que não têm fé: “É a parte mais necessária no Apostolado da Imprensa” (*ibidem*). O catecismo para cada categoria de pessoas “é a primeira parte do ministério-imprensa” (p. 84) e pode servir-se de vários meios: figuras, palavras, lições breves, reproduções de imagens religiosas (inclusive o cinema sonoro), resumos da doutrina cristã.

Método. O espírito pastoral, entendido como amor a Deus e ao próximo, oferece duas regras principais: 1) usar o método *cíclico*, que se compõe de uma série de temas progressivos sobre dogma, moral e culto; 2) adotar o método *natural*, apresentando uma catequese que se enderece à pessoa toda: mente, coração e vontade; 3) método *vital*, que inclui a totalidade da fé para a totalidade da pessoa. É necessário um catecismo que se diferencie da simples instrução e educação, para se tornar “formação da vida nova em Cristo” (p. 86).

Normas práticas. 1) Sentir a missão de ser enviado para *evangelizar os pobres*: “Decididamente, o Apostolado da imprensa deve cuidar da grande massa dos homens, a massa dos filhos de Deus, dos pobres, aos quais pertence o céu. É preciso ter grande conhecimento do mundo e dos homens; não é a forma de apostolado de quem sabe pouco, mas é a forma de apostolado verdadeiramente sábio (p. 87). 2) É necessário ter espírito *pastoral*: uma exposição atraente e prática que fale por experiência. 3) O ensinamento deve ser *intuitivo*, não com argumentos complicados: “Sede santos e convictos; e falai como o amor vos ditar” (*ibidem*); “Jesus, o Mestre de todos os mestres, reveste sempre de algo sensível os seus altíssimos ensinamentos”, e o apóstolo da imprensa deve imitar-lhe o exemplo, “recorrendo a fatos, semelhanças, parábolas, imagens, comparações tiradas da vida, dos costumes diários, com quadros fixos ou móveis, mudos ou sonoros” (p. 88).

2.19.2. *Pensamento alberioniano*. A primeira proposta da fé, para quem não conhece a pessoa e o ensinamento de Cristo, se torna para padre Alberione a apresentação do **catecismo**, completo nos conteúdos e explicado com método e meios que despertam interesse nos ouvintes.

Já em *Anotações de teologia pastoral* ele apresenta a catequese como parte da “pregação” do pároco (cf. nn. 281-313), e em *A mulher associada ao zelo sacerdotal* envolve as habilidades femininas na catequese (cf. n. 192). O *Catecismo da doutrina cristã*, publicado pelo papa Pio X (1912), constitui ponto de referência para sua atividade, não apenas no seminário, mas também nas suas fundações.

O Primeiro Mestre envolve de modo especial na **atividade catequética** as *Filhas de São Paulo*, mediante o apostolado da comunicação, e as *Irmãs de Jesus Bom Pastor* na sua missão em paróquias; e considera como uma das “**riquezas**” introduzidas na Família Paulina a atividade catequética, por ele exercida quando seminarista e sacerdote diocesano de Alba: “Sempre se considerou a obra catequética como a primeira e fundamental... Agora, na Itália e no Exterior, o trabalho catequético da Família Paulina torna-se mais amplo e intenso” (AD 81).

Durante os exercícios espirituais de 1960, após traçar breve história da catequese, ele apresenta o **programa** para o Apostolado da imprensa nesse campo da comunicação da fé: “O apóstolo das edições contribui para a obra catequética mediante todas as suas iniciativas. Especialmente coadjuvando em três grandes atividades: a instrução catequética, a formação catequética, a organização catequética” (UPS, IV, 124).

Na história do movimento catequético antes do Vaticano II, a preocupação pastoral de padre Alberione merece ser assinalada não só pelo seu **empenho editorial**, mas também pela proposta do **método integral** modelado em Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida.

2.19.3. *Atualização*. Além de inserir a catequese no processo geral da evangelização (cf. *Ad gentes*, n. 17), o Vaticano II a apresenta

como a parte importante do empenho educativo (cf. *Gravissimum educationis*, n. 4). João Paulo II, a 11 de outubro de 1992, publica o *Catecismo da Igreja católica*, logo seguido pelo *Directório geral para a catequese*, elaborado pela Congregação para o clero (15/8/1997), e o *Compêndio do Catecismo da Igreja católica*, promulgado por Bento XVI (28/6/2005). As indicações oferecidas, sobretudo pelo *Directório geral da catequese* sobre a valorização da comunicação, confirmam o empenho do carisma paulino para essa forma de evangelização.

2.20. Como dar a doutrina da Igreja aos proficientes

(AI, c. XIX; AE, segunda parte, primeira seção, c. IV)

2.20.1. *Assuntos. O que é.* Trata-se da segunda instrução religiosa que se dirige aos jovens já catequizados, à classe de cultura média, aos que estão para se tornar maiores de idade, a quem está estudando, especialmente aos estudantes clérigos de formação média. Essa etapa tem o escopo de “formar no homem o fundamento racional para a sua fé” (p. 89) e é importante para o tipo de pessoas a quem se dirige.

De fato, trata-se de minorias que, devido à cultura e à idade, “dirigirão as massas, e não são grandes pensadores e escritores, mas divulgadores que realizarão as transformações morais, intelectuais, espirituais das multidões” (p. 90). O exemplo de são Paulo no areópago de Atenas e o diálogo de Jesus com Nicodemos nos indicam que o cuidado pelas pessoas cultas é dever também para o Apostolado da imprensa.

Princípios gerais. 1) O método cíclico na sua plenitude deve desenvolver as noções básicas. 2) A fé se apresenta como cumprimento das ciências e da filosofia para formar no jovem a aptidão ao dever e não ao prazer. 3) As virtudes devem ser apresentadas de modo que possam ser úteis na batalha da vida. 4) É necessário acompanhar tudo com grande oração, sobretudo litúrgica e em grau de envolver a vida.

Normas particulares. 1) O estudo específico do ânimo humano dessas pessoas é fundamental: “O fruto do apostolado depende

muito de conhecer os recursos do terreno, de prepará-lo e tratá-lo” de maneira adequada (p. 92). 2) Prudência, porque frequentemente os instruídos em alguns campos carecem de cultura religiosa; no entanto, é preciso evitar o perigo de “querer assim aproximar-se tanto deles a ponto de sacrificar a doutrina, a santidade e a graça” (*ibidem*).

2.20.2. *Pensamento alberioniano*. Desde o início, os **destinatários** da evangelização com a imprensa têm sido as massas afastadas da fé e as pessoas que criam opinião pública, as quais padre Alberione identifica com as pessoas de cultura.

Em 1954, o Fundador inclui atenção particular pelos intelectuais entre “**as coisas a fazer**”: “A Pia Sociedade de São Paulo considerará com frequência isto: “*Ad quid venisti?*”. Ela tenha sempre no coração os intelectuais. O Evangelho é algo divino; corresponde no fundo a todas as mentes; é capaz de satisfazer a todas as interrogações dos homens de cada tempo. Conquistando os intelectuais, pesca-se com rede, não só com anzol” (*AD* 197).

2.20.3. *Atualização*. Não faltam hoje iniciativas que podem responder ao desejo do Primeiro Mestre de que a Congregação “tenha sempre no coração os intelectuais”: a escolha e o envolvimento de autores em nossa editoria multimedial, a valorização de professores em nossas faculdades e centros de estudo sobre a comunicação, as tentativas para envolver também homens e mulheres de cultura em nossos Institutos paulinos de vida secular consagrada e na Associação dos Cooperadores Paulinos. Quando, porém, se levam em conta as “coisas a realizar”, elencadas pelo Primeiro Mestre, entre as quais esta: a “**síntese de todas as ciências**” (cf. *AD* 191-196), é impossível não sentir-se estimulado a pensar em outras iniciativas, não apenas para evangelizar os homens de cultura, mas também para criar ocasiões de diálogo entre especialistas, também não crentes, porém interessados por um confronto com os valores da fé.

2.21. *Como dar a doutrina da Igreja aos perfeitos*

(AI, c. XX; AE, segunda parte, primeira seção, c. IV)

2.21.1. *Assuntos. O que é.* É a última etapa da formação cristã para ter um “*alter Christus*”, Caminho, Verdade e Vida, com o estudo das verdades a crer, da moral e da liturgia. É preciso formar na Igreja a parte “docente” para a comunidade eclesial e para uma presença qualificada na vida social e cultural.

Metodologia geral. 1) Sério estudo da teologia segundo as diretrizes da Igreja. 2) Estudo metódico em quatro tempos: aprender o que dizem os tratados de teologia, apresentar e resolver as dúvidas, verificar se a doutrina se conforma com o ensinamento da Igreja, e valorizar a ciência para viver mais santamente. 3) Para escrever é preciso, após estudo sério: dominar em profundidade a matéria a ser tratada com fidelidade constante à Igreja, e humildade.

Metodologia particular. 1) A teologia deve inspirar e dar sentido a todo o saber e a todo o viver humano, constituindo a respeito a síntese universal. 2) As várias disciplinas teológicas se completam mutuamente para serem postas a serviço da pastoral, tendo Cristo como modelo. 3) Poucos podem escrever para a mente dos doutos, muitos para o coração deles, pouquíssimos podem colaborar na pesquisa científica, mas é responsabilidade comum avaliar os resultados da pesquisa, explicá-los e aplicá-los no espírito da Igreja. 4) Quem estuda e quem escreve sobre matérias teológicas deve cultivar piedade favorosa para obter “mais luzes e graças para si e para os leitores” (p. 97).

2.21.2. *Pensamento alberioniano.* Dado que o exercício do Apostolado da imprensa é confiado ao sacerdote, é preciso realizá-lo como ato “**docente**”: exercício por encargo oficial, reconhecido em seu valor pela Igreja, com verdadeira eficácia para o povo. “O nosso Instituto é docente. Ele faz suas as verdades e o ensinamento da Igreja para apresentá-los às almas, mediante a palavra junto com os meios

técnicos, pelo Sacerdote; e só com os meios técnicos, pelo Discípulo unido ao Sacerdote. Tendo em vista as almas... O Instituto ensina tudo: primeiro o que serve diretamente para o céu, ou seja, fé, moral e culto; em seguida, “tudo o que é bom, verdadeiro etc.” (UPS, II, 172).

O apóstolo da imprensa, seguindo o modelo de Cristo Mestre, exerce a “**docência**” na experiência da fé, experiência a ser vivida como **mestre caminho, verdade e vida**, e proposta como tal: não é transmissão de conteúdos, mas testemunho de vida. “Na formação cristocêntrica, o Paulino se tornará, nas devidas proporções, também ele caminho, verdade e vida segundo o espírito das Constituições: são condições necessárias para a santificação e para o apostolado” (UPS, II, 191).

2.21.3. *Atualização.* A história da editoria paulina nos cinco continentes pode documentar a contribuição dada com o fornecimento de **publicações úteis** também para quantos têm a tarefa da “docência” na Igreja, sobretudo por ocasião do Vaticano II, seja no comentário aos documentos conciliares, seja fazendo conhecer as obras dos melhores teólogos do tempo.

Cuidadosa reflexão sobre os **catálogos** da nossa editoria internacional do último decênio pode ajudar-nos a melhorar as nossas publicações destinadas aos que na Igreja têm a responsabilidade de docência e de governo, e aos que têm tarefas importantes na vida social e cultural.

2.22. “*Omnia vestra sunt*”

(AI c. XXI; AE, segunda parte, primeira seção, c. III)

2.22.1. *Assuntos. Submetamo-nos a Jesus.* O Apostolado da imprensa tem como finalidade atrair todos ao Divino Mestre. O apóstolo da imprensa, por primeiro, deve submeter a própria mente à doutrina de Cristo, a própria vontade à vontade de Deus e o próprio coração ao coração de Cristo.

Como Jesus se submeteu ao Pai. “As mentes, vontades e corações se submetem realmente ao apóstolo, tanto quanto este se submete a Jesus Mestre” (p. 99). “Deixem Deus agir, como se tudo dependesse dele; e fazei muito de estudo, de bem, de zelo, de pregação, como se tudo dependesse de vós, para que o instrumento, na medida do possível, seja apto e dócil nas mãos de Deus” (p. 100).

Com todo o nosso ser. Empenhar a mente no estudo da ciência sagrada e no domínio das “ciências do apostolado, das ciências pastorais” (p. 101). Deve-se empregar a vontade para adquirir as virtudes. O coração esteja unido a Deus e se torne pastoral: “amante das almas, zeloso pela sua salvação, paciente nas obras, constante nas adversidades. Seja como o Bom Pastor” (p. 102).

2.22.2. *Pensamento alberioniano.* Dado que o apostolado da imprensa é evangelização, o apóstolo paulino empenhado na atividade editorial não exerce uma “**tarefa**”, mas em primeira pessoa se envolve em tudo o que propõe aos outros. O Apostolado da edição é exatamente um processo de “extrair de si para comunicar aos outros”. A qualidade da própria vida espiritual influi sobre a eficácia da evangelização: ninguém pode dar o que não tem.

“Apóstolo é quem leva Deus na alma e o irradia ao redor de si. Apóstolo é um santo que acumulou tesouros e comunica aos homens o que lhe sobra... Essa pessoa, no dizer de um escritor, transpira Deus por todos os poros: com palavras, obras, orações, gestos, atitudes; em público e em particular; com todo o seu ser. Viver de Deus e dar Deus!” (UPS, IV, 277s).

2.22.3. *Atualização.* A insistência com que a identidade da fé cristã é descrita pelo Vaticano II, não como conjunto quase separado de verdades em que acreditar, de leis éticas a observar e de ritos a celebrar, mas como síntese de tudo isso, para obter **um estilo de vida integral**, descarta o cristianismo como ideologia, simples sistema doutrinal ou elaboração de teorias teológicas.

A evangelização que daí deriva é a oferta de um **modo de viver**: “A vocação universal para a santidade está estritamente ligada à vocação universal para a missão: cada fiel é chamado à santidade e à missão... A espiritualidade missionária da Igreja é um caminho para a santidade” (*Redemptoris missio*, n. 90).

2.23. A redação no Apostolado da imprensa

(*AI*, c. XXII; *AE*, segunda parte, primeira seção, c. II)

2.23.1. *Assuntos. O que é.* “A redação é a exposição do ensinamento dogmático, moral e litúrgico da Igreja, exposição feita por meio da escrita, para que seja pão de vida para as almas... É o “*docete omnes gentes*” (“anunciai a todas as gentes”) realizado por meio da escrita... como precisamente se faz com a pregação oral” (p. 103).

A redação compreende a matéria (o complexo de verdades a ensinar) e a forma (o estilo, o gênero literário etc.). A matéria está confiada à guarda e interpretação da Igreja, a forma a utilizar na escrita está sujeita às mudanças históricas de pessoas: “A doutrina da Revelação não evolui, mas a maneira humana de compreendê-la progride” (p. 104).

O que importa. 1) O Senhor não somente falou, mas ordenou que se escrevesse e conservasse. 2) A escrita supera a palavra, porque é mais precisa, pode-se difundir em muitos exemplares. 3) Grandes transformações sociais se ligam a escritos importantes. 4) Dado que a má imprensa tem efeitos muito eficazes, é necessário promover a boa imprensa, “opondo imprensa a imprensa, jornal a jornal, livro a livro, biblioteca a biblioteca” (p. 105). 5) As novas invenções na imprensa “oferecem meios eficacíssimos de pregar as verdades divinas. É dever nosso fazer-nos tudo para salvar a todos” (*ibidem*).

Como se deve fazer. “Para convencer a mente, bastará uma grande doutrina; mas, para converter, salvar e santificar, é preciso um coração santo. É preciso preparar, na oração e meditação, a substância daquilo que se quer escrever” (p. 106).

Escrevendo, une-se matéria e forma. Por isso, é preciso ter presentes duas realidades que desejamos comunicar: Deus e as verdades, a lei e a graça; o grupo de pessoas ao qual nos dirigimos: “O pastor de almas e o apóstolo da imprensa ‘são ministros de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus’: estão entre o céu e a terra. Com o olhar em Deus e na sua vontade, recebem as riquezas do Senhor; com o coração e a boca voltados para os homens, distribuem essas riquezas” (*ibidem*).

Para a **forma** a se adotar, é preciso ter presente que se deve “dar Deus aos homens”. Por isso, é necessário levar em conta a **preciosidade dos conteúdos** (a Eucaristia se conserva em preciosos vasos sagrados), e “dar os homens a Deus”, imitando o Cristo **encarnado** na natureza humana e que vai à procura dos pecadores e fala de forma simples e compreensível.

2.23.2. *Pensamento alberioniano*. A redação realizada pelos Paulinos é o objetivo que o Primeiro Mestre jamais abandonou: “O que garante seguir em nosso caminho é o amor à redação”.²⁰ “Desenvolver a redação muito mais do que a revisão... A redação não é um ministério, mas o nosso ministério. Aos outros ministérios dão-se retalhos de tempo; à redação, o tempo”.²¹

2.23.3. *Atualização*. A convicção de que a imprensa e os outros meios de comunicação não sejam levados em consideração pelo padre Alberione como simples “**recipientes**”, onde basta apenas despejar conteúdos religiosos para que produzam efeito, manifesta-se também no seu modo de conceber a redação como a parte mais importante da evangelização mediante a imprensa, modo que deve **envolver** a fé da pessoa que escreve.

Descrevendo a redação como a **unidade de matéria** (os conteúdos religiosos) e **forma** (o modo de apresentá-los por escrito), o Fundador acrescenta que é preciso saber também como unir Deus (a sua proposta

²⁰ *San Paolo*, fevereiro 1951; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 808.

²¹ *San Paolo*, Rosario [outubro] 1946; cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., p. 253s.

eterna) e os homens (aqueles que hoje leem). A escrita do apóstolo deve ser um como partir o pão de acordo com a boca dos leitores. A necessidade de adequar a proposta da fé às exigências dos leitores requer prévio conhecimento da identidade dos mesmos leitores.

João Paulo II amplia o perfil dos “destinatários”, incluindo âmbitos territoriais, mundos e fenômenos sociais novos, áreas culturais e aréopagos modernos (cf. *Redemptoris missio*, n. 37). “A intimidade da Igreja com Jesus é intimidade itinerante, e a comunhão configura essencialmente uma comunhão missionária. Fiel ao modelo do Mestre, é vital que a Igreja saia hoje para anunciar o Evangelho a todos, em todos os lugares, em todas as ocasiões, sem protelação, sem repugnância nenhuma e sem medo” (*Evangelii gaudium*, n. 23).

2.24. A propaganda

(AI, c. XXIII; AE, segunda parte, primeira seção, c. XXX)

2.24.1. *Assuntos. O que é.* 1) “Nos tempos e no espaço, é o prolongamento da ação do Mestre divino... Na Igreja se perpetua a consagração de Jesus *corporaliter* (corporalmente) nas hóstias santas e *mystice* (misticamente) pela consagração de seus sacerdotes pregadores. No entanto, agora se deve pregar sobre os telhados, com o Apostolado da imprensa, tudo o que Jesus falou ocultamente” (p. 108). 2) A propaganda é bem diferente do comércio: “O apóstolo observa quais são as maiores necessidades espirituais e morais das almas e das populações, e por isso escreve e difunde através do púlpito da imprensa como o pregador falaria do púlpito da Igreja” (*ibidem*). O preço se deve considerar como oferta “para o pão da verdade aos pobres da fé” (p. 109). 3) A propaganda deve alcançar todos os lugares, mas o apóstolo da imprensa tem como preferência todos os que têm necessidade da fé: “É o anjo que a todos relembra os destinos eternos e os caminhos do céu; fala de Deus e do céu aos filhos de Deus que olham só para a terra” (*ibidem*).

Importância. “A propaganda é o grande problema no Apostolado da imprensa. Porque as outras partes existem para esta; e esta é o canal pelo qual a verdade da alma do apóstolo, ou melhor, do coração do Mestre, chega verdadeiramente até as almas” (*ibidem*). O apóstolo é “dispensador” de bens sobrenaturais para todos, já que apenas um sexto da humanidade conhece o Evangelho: “Que o apóstolo tenha decididamente em vista esses cinco sextos da humanidade... Por isso, devem-se mobilizar todos os elementos de difusão... O Apostolado da imprensa sem difusão é lanterna debaixo da mesa, é família sem filhos” (p. 110).

Meios de difusão. 1) O meio da Igreja é ser *pastoral*: “O Apostolado da imprensa é complemento e prolongamento do apostolado de Jesus Cristo vivente nos pastores da Igreja: é uma coisa só com ele” (p. 111). 2) O meio de Jesus Cristo: “*Ir a todos os povos, não esperar pelos povos*: entre o povo, visitando em casa pessoas e famílias” (*ibidem*). 3) O meio religioso: “*Criar um exército*: o mais compacto e fervoroso de espírito, o mais expansivo no amor às almas. São necessários religiosos e religiosas, e respectivos cooperadores, todos consagrados explicitamente a esse ministério tão santo” (p.112), unidos em verdadeira organização.

2.24.2. *Pensamento alberioniano.* Grande parte das ideias a respeito da propaganda expressas neste capítulo são tomadas, com frequência literalmente, do curso de exercícios de 1960, quando trata do mesmo tema (cf. *UPS*, IV, 84-97 e 140-151). Isso quer dizer o seguinte: após tantos anos, o pensamento do Primeiro Mestre sobre a propaganda continua intacto, pela importância que atribui a ela.

2.24.3. *Atualização.* A organização da **difusão** constitui também hoje empenho vital para a evangelização paulina multimedial. A redação e a produção de obras apostólicas que não encontram o favor do público não só põem sérios problemas de subsistência econômica, mas questionam a nossa sensibilidade pastoral de comunicadores.

A pesquisa de mercado constitui, também para qualquer empresa editorial, a necessidade de calibrar o produto de acordo com a demanda. Se é verdade que não podemos confirmar a mesma metodologia para uma editoria que é evangelização, não podemos ignorar que “devemos salvar os homens de hoje”.

2.25. Culto à Sagrada Escritura

(AI, c. XXIV; AE, segunda parte, primeira seção cc. VI e VII)

2.25.1. *Assuntos. Culto com a mente.* À Sagrada Escritura se presta culto de “latria”, como é definido pelos Concílios de Niceia e IV de Constantinopla. Deste último, padre Alberione cita o seguinte: “Realmente, as verdades que a disposição das sílabas exprime e ensina, essas mesmas verdades são ainda pregadas e inculcadas pela disposição das cores” (p. 116).

O culto à Sagrada Escritura tem origens e razões antigas: 1) Na Sagrada Escritura, Deus faz colocar as tábuas da Lei na arca, onde estava também o maná: “Como se vê, Deus já no Antigo Testamento une na honra e no culto o maná, figura da eucaristia, Cristo-Vida, com as tábuas e o livro da Lei, parte da Bíblia, e figura do Evangelho, Cristo-Verdade” (*ibidem*). 2) Os Concílios acima citados são parte da Tradição, que reserva para a Sagrada Escritura uma veneração que se exprime também na liturgia (liturgia das horas, incenso, luzes, inclinações, beijos). 3) As motivações racionais se deduzem do fato de que, se está prescrito um culto de latria para as imagens, este vale também para a Escritura. 4) A fé frente à Sagrada Escritura dever ser: *católica* (o Espírito ilumina cada leitor, mas ilumina infalivelmente só a Igreja); *cristã* (ler o Evangelho com o amor com que Cristo o pregou); *simples* (semelhante ao amor de Maria e dos apóstolos); e *forte* (crer no Evangelho implica adequação da vida a ele).

Culto com a vontade. Citando autores que relatam costumes do culto prestado ao Evangelho (levantar-se, beijo, reverência etc.), o padre Alberione justifica e explica o significado dos três sinais da cruz

que se traçam na frente, nos lábios e no peito, ao início da leitura do Evangelho (cf. p. 120).

Culto com o coração. 1) Merecem ser promovidas as procissões com o Evangelho. 2) Contra as tentações, é útil levar consigo o Evangelho. 3) Pode-se honrar o Evangelho com novenas e tríduos. 4) Nos momentos importantes e solenes de profissão e juramento, jura-se sobre a Bíblia.

2.25.2. *Pensamento alberioniano.* A valorização da Sagrada Escritura, do Evangelho e das Cartas de São Paulo é uma constante nos escritos e na pregação do Primeiro Mestre. Para justificar com argumentos teológicos a “pregação escrita”, ele se refere a Deus como “**primeiro autor e primeiro editor**”, porque é Deus quem fala, seja com as palavras de seus mensageiros, seja mandando escrever. A Palavra de Deus se manifestou com igual dignidade mediante **a voz humana** e mediante **os sinais da escritura**.

Com essa equivalência, padre Alberione coloca a Sagrada Escritura ao lado do pão eucarístico. Cristo é a **nutrição** de nossa fé, seja com o pão consagrado, seja com sua palavra nos Evangelhos. Essa convicção explica suas solicitações a **expor o Evangelho** nas capelas paulinas junto ao tabernáculo, ou sobre o altar ao lado do ostensório durante a visita eucarística.

Outros **costumes** que mostram a importância por ele atribuída à **Palavra de Deus**: expor o Evangelho nos ambientes de vida, em particular nos lugares de apostolado; levar consigo um exemplar do Evangelho em formato de bolso; aprender de cor versículos do Evangelho antes de iniciar as aulas etc. Particular empenho na difusão capilar da Bíblia, inclusive as edições artísticas, e a explicação com notas pastorais para grupos específicos de leitores.

2.25.3. *Atualização.* As convicções e costumes que o Primeiro Mestre nos deixou como herança motivam ainda hoje o amor pela Bíblia, seja como fonte de inspiração pessoal, seja como veneração

comunitária e grande empenho apostólico. **O interesse e a difusão da Bíblia têm sido uma constante nos cem anos da Congregação.**

A preciosa e contínua atividade desenvolvida pela **Sociedade Bíblica Católica Internacional** (SOBICAIN), desde a data de sua criação pontifícia (14/10/1960) até hoje, continua sendo expressão significativa do apostolado bíblico paulino.

Para atuar a **linha operativa 1.2.2** do IX Capítulo geral, o Governo geral encarregou o *Comitê Técnico Internacional do Apostolado* (CTIA) de pensar na criação de um “projeto que coordene a pastoral bíblica da Congregação”, e a 4 de abril de 2013 aprovou o **Centro Bíblico PAULUS**.

2.26. Os religiosos no Apostolado da imprensa

(AI, c. XXV; AE, primeira parte, segunda seção, c. II)

2.26.1. *Assuntos. Campo.* Em relação ao clero secular, os religiosos têm funções em comum e responsabilidades específicas. 1) No Apostolado da imprensa, têm amplidão maior: de *pregação* (estão a serviço, não de uma Igreja territorial, mas da universal); de *influência* (dirigem-se a todos os fiéis); e de *graças* (a muitas responsabilidades se reservam muitas graças). 2) No Apostolado da imprensa, têm maior *continuidade* (conjunto de pessoas que podem valorizar-se). 3) No Apostolado da imprensa, têm maior *intensidade* (o empenho a tempo pleno permite também que se tornem especialistas).

Eficácia. Na história da Igreja surgiram instituições religiosas para obras particulares: “Em todos os tempos, Deus suscitou homens e instituições de acordo com as necessidades... Por isso, também hoje deve haver famílias religiosas para as necessidades atuais. Deus não muda o estilo; saibamos conhecê-lo e adotá-lo” (p. 124s).

Dado que hoje é forte e bem financiada a imprensa contrária à fé, “convém contrapor uma organização ampla, poderosa, de espírito antigo e formas modernas... Tendo poucos meios humanos, devemos combater com os divinos, meios que provêm de uma vocação

específica, de uma educação específica, de uma aprovação específica da Igreja para tanto” (p. 125).

Esperanças. “A Sociedade de São Paulo é um dos institutos que, com a aprovação canônica, se dedica a essa parte do sagrado ministério pastoral. Em primeiro lugar, ela tem em vista a santificação dos próprios membros; em segundo lugar, o Apostolado da imprensa” (p. 125ss).

A *Sociedade de São Paulo* se compõe de religiosos, em parte sacerdotes, em parte leigos: “Os seus sacerdotes têm de modo especial a tarefa de escritores, enquanto aos leigos se reservam as partes de trabalho que os sacerdotes, se as assumissem, prejudicariam o bem maior” (p. 126).

A *Sociedade Filhas de São Paulo* está lado a lado da Sociedade de São Paulo, porém separada na direção e administração. “Ela consta de irmãs escritoras e irmãs que executam trabalhos comuns para a preparação e a propaganda do Apostolado da imprensa” (*ibidem*). Elas necessitam de sólida preparação: formação religiosa, intelectual e técnica.

Os *Cooperadores* do apostolado são “aqueles que no mundo imitam, à medida do possível, a vida religiosa e de apostolado dos dois primeiros ramos... dão ao apostolado poderosíssima e necessária colaboração” (*ibidem*).

2.26.2. *Pensamento alberioniano.* Ainda em 1933, padre Alberione apresenta a **Sociedade de São Paulo**, referindo-se também às **Filhas de São Paulo** e aos **Cooperadores**, como três “ramos” do mesmo empenho no Apostolado da imprensa. O projeto da Sociedade de São Paulo como “**casa religiosa com três ordens**” nos é referido pela primeira vez no *Diário*²² do bem-aventurado Timóteo Giaccardo, a 19 de outubro de 1917. No entanto, já em 1924 existem também as Pias Discípulas do Divino Mestre, porém, até o reconhecimento oficial incluídas entre as Filhas de São Paulo.

²² Giuseppe Timoteo Giaccardo, *Diario, páginas escolhidas*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 2004, cfr. pp. 97-100.

Guiado pelo Espírito através de problemas concretos criados pela necessidade de verdadeira identidade e pelas exigências do Direito canônico para aprovação por parte das autoridades da Igreja, o projeto alberioniano da Família Paulina passou, de 1900 a 1960, por **profunda evolução**, até chegar a assumir a figura como é hoje: 5 Congregações religiosas, 4 Institutos paulinos de vida consagrada secular agregados à Sociedade de São Paulo, e a Associação dos Cooperadores Paulinos.

Os elementos fundantes do ser “família” são indicados pelo Fundador: espiritualidade comum e apostolados específicos, porém convergentes; além disso, por vontade do Primeiro Mestre, todas as Instituições se envolvem na evangelização com a comunicação, cada uma a seu modo particular.

2.26.3. *Atualização*. O programa do Primeiro Mestre de empenhar na comunicação todas as Instituições da Família Paulina não foi apenas vontade dele, mas existem ao menos **dois fenômenos** que hoje tornam essa herança ainda mais compreensível e vinculante.

A partir do decreto *Inter mirífica* sobre a comunicação, o magistério universal **mobilizou toda a Igreja** para a evangelização na comunicação. Este convite se dirige também para toda a Família Paulina, como porção que é do povo de Deus.

Além disso, com o desenvolvimento da comunicação na época em que se consolidavam os **meios de comunicação de massa**, mais ainda com o surgimento e o vertiginoso desenvolvimento da **comunicação digital**, a comunicação já não é um “meio” a se empregar para o apostolado, mas “**um estilo de vida**”, “**um modo de estar no mundo**”, “**um ambiente existencial**” que abraça tudo e todos. A comunicação digital, para a Família Paulina, não existe para ser levada em consideração apenas para atualizar o apostolado, mas para “**repensar**” em sincronia as quatro rodas do carro paulino, a fim de evangelizar também na comunicação digital.

2.27. Os pecados da imprensa

(AI, c. XXVI; AE, segunda parte, primeira seção, c. XXXVIII)

2.27.1. *Assuntos. São graves ofensas a Jesus Mestre.* “A má imprensa exalta a cátedra da mentira contra a cátedra da verdade” (p. 127). Os pecados da imprensa são contra o Pai, o Filho, o Espírito Santo; atentam para a ruína espiritual do homem; multiplicam-se facilmente; são de escândalo público para muitos; são pecados graves no modo, porque existe premeditação; são expressão de muitos que combatem de várias formas contra o bem; são resultado de grandes organizações, onde há divisão de tarefas com declarados fins econômicos e ideológicos. São moralmente responsáveis, embora de maneiras diversas, todos os que colaboram para preparar a má imprensa. O Código de Direito Canônico prevê sanções especiais de condenação para a má imprensa.

Afastá-los e repará-los. É preciso rezar pela conversão dos que difundem a má imprensa. Padre Alberione registra a oração *Para quem tem sede de almas como Jesus*. Evitar toda forma de colaboração que se pode realizar “com a imprensa, a difusão, a leitura, a participação moral e material” (p. 133). Por fim, há o empenho de reparação “ao Coração de Jesus, pelo estrago miserável que a má imprensa causa à doutrina de Jesus Cristo Mestre” (p. 134), reparação mediante a recitação de orações, a leitura do Evangelho, a celebração do primeiro domingo do mês em honra de Jesus Mestre, as visitas ao Santíssimo, a participação na celebração eucarística.

2.27.2. *Pensamento alberioniano.* O Primeiro Mestre, durante toda a sua existência, considera a “reparação” dos pecados da má imprensa como **verdadeiro apostolado**, confiado a todos, mas de maneira especial às Irmãs Pias Discípulas do Divino Mestre e aos Discípulos do Divino Mestre.

A reparação típica do apostolado paulino se concretiza na **proposta alternativa** de leituras e bons programas radiotelevisivos: “Vós reparais igualmente, a cada dia, os pecados que se cometem com os

meios modernos da rádio, do cinema e da imprensa. De que maneira? Trabalhando no apostolado, operando em sentido contrário daqueles que se valem desses meios para corromper, para espalhar doutrinas falsas, contrárias a Jesus Cristo, para erguer cátedras contra a única cátedra da verdade: a de Jesus Cristo, Mestre único. Que bela reparação vós fazeis! Não de palavras, não de sentimentos, mas com fatos”.²³

2.27.3. *Atualização.* O apostolado da reparação há de se considerar como parte do apostolado da oração, para todos os que se servem dos produtos de comunicação para fins que não respeitem os valores positivos para a pessoa e para a sociedade.

A Família Paulina pretende **continuar** o apostolado da oração em favor de todos aqueles que se servem da comunicação, e ao mesmo tempo **prosseguir e melhorar**, com a oferta de alguma alternativa interessante para o público da comunicação, seja no modo de comunicar, seja nos conteúdos.

Para esse apostolado, um envolvimento particular se refere aos **Paulinos que já não se acham diretamente empenhados no apostolado: os anciãos e os enfermos**. A oração desses irmãos será tanto ou mais motivada quanto mais eles se mantêm regularmente informados sobre as iniciativas apostólicas que se realizam. A informação ajuda e incentiva a oração voltada para as necessidades apostólicas.

2.28. *Festa do Divino Mestre*

(AI, c. XXVII; AE, segunda parte, primeira seção, c. XXXVI)

2.28.1. *Assuntos. Preparação.* “A festa assim dita do Evangelho ou do Divino Mestre, ou ainda da Boa Imprensa: são palavras diferentes para dizer a mesma coisa” (p. 135). A denominação preferível é “festa do Divino Mestre”. “De fato, é a festa da doutrina de Jesus Cristo” (*ibidem*).

²³ *Per un rinnovamento spirituale*, organizado pelo Centro de Espiritualidade Paulina, Cinisello Balsamo, 2006, p. 207.

“O mundo está separado entre duas escolas imensas: a escola de Jesus Cristo e a cátedra do demônio. Jesus Cristo que envia seus apóstolos... e o diabo que tem emissários incontáveis (*ibidem*). “O Apostolado da imprensa é um dos meios para tornar conhecida e comunicada a Verdade que é Jesus Cristo, mediante o apostolado-palavra; ambos honram o Mestre Divino” (p. 136).

Indicações para celebrar a festa do Divino Mestre: 1) tríduo de pregação sobre o dever de estar com o Divino Mestre; 2) confissão e comunhão; 3) bênção e distribuição do Evangelho para cada família; 4) hora de adoração eucarística com exposição do Santíssimo e do Evangelho; 5) no encerramento, promessa solene de ser verdadeiros discípulos do Divino Mestre.

Guia prático. O tríduo pode incluir: 1) exposição do Divino Mestre eucarístico; 2) pregação sobre as verdades eternas pela manhã e instrução à tarde; 3) adoração eucarística por grupos durante o dia; 4) bênção eucarística no encerramento da jornada.

A igreja deve estar ornada com luzes, flores, decorações, para criar ambiente favorável às celebrações e à oração. Assuntos das instruções da tarde: Jesus Cristo como único Mestre por natureza; a missão de ensinar da Igreja e do sacerdote; os efeitos dos ensinamentos da Igreja.

Conclusão. Na exortação final, propor o empenho pelo Evangelho, no estilo das promessas batismais, a fim de motivar o empenho de vida cristã com a mente, a vontade e o coração. Como frutos concretos: bênção e aquisição do Evangelho a ser levado para as famílias e formação do grupo ou seção dos Cooperadores do Apostolado da Imprensa.

2.28.2. *Pensamento alberioniano.* Padre Alberione une o seu empenho pela difusão do Evangelho com a experiência no seminário: “Assim, em 1903, entre os clérigos de Alba tivera início a obra da difusão da Bíblia... e a difusão do Evangelho em larga escala; entre os clérigos despertou-se grande fervor e se realizaram as primeiras jornadas do Evangelho” (AD 145).

Além disso, ele considera a Jornada do Evangelho como uma “das abundantes riquezas” de Deus: “Houve um tempo (ano escolar 1906-1907), em que ele teve uma luz mais clara sobre uma grande riqueza que o Senhor queria conceder à Família Paulina: a difusão do Evangelho, que hoje se estende de várias maneiras a cerca de vinte nações, especialmente com as Jornadas do Evangelho” (AD 136). Apresentando essa iniciativa, ele esclarece admirado: “Quanta força tem para difundir o Evangelho e fazer que chegue à leitura nas famílias!”²⁴

No *São Paulo* de novembro de 1952 (n. 2), o Primeiro Mestre oferece um guia teórico-prático para a celebração da Jornada do Evangelho.²⁵ Durante os exercícios espirituais de 1960, ele retoma o assunto, buscando ideias de *AI*, sublinhando com força que “a palavra sagrada não fique reservada a nenhuma categoria particular de pessoas, mas a todo o povo” (*UPS*, IV, 95; cf. 91-97).

2.28.3. *Atualização*. Na Congregação e na Família Paulina, tiveram continuidade e ainda hoje celebram-se com fruto as *Jornadas do Evangelho* desejadas pelo Fundador. O objetivo de levar todos a lerem diretamente o Evangelho e a Bíblia se alcançou também com outras iniciativas: semanas bíblicas, testes bíblicos teletransmitidos, cursos de leitura bíblica, edições artísticas do Evangelho e da Bíblia, produtos multimediais, e-books, aplicações digitais etc.

A característica das iniciativas paulinas que enriquecem as jornadas do Evangelho deve ser “**pastoral**”: alcançar o maior número de pessoas, para fazer que se interessem pela leitura da Palavra de Deus, e ao mesmo tempo para ajudá-las na compreensão e interpretação com notas e explicações adaptadas. Os projetos bíblicos de novas traduções enriquecidas de notas “pastorais”, como pensados pelo padre Alberione, revelam-se fidelidade criativa que dá continuidade às frequentes indicações do Fundador.

²⁴ *Unione Cooperatori Buona Stampa*, 15 junho 1927; cf. *La primavera paolina*, cit., p. 464.

²⁵ Cf. *Carissimi in San Paolo*, cit., pp. 563-567.

2.29. *A Bíblia Sagrada e o Apostolado da imprensa*

(AI, c. XXVIII; AE, segunda parte, primeira seção, c. V)

2.29.1. *Assuntos. A Bíblia para o Apostolado da imprensa é a Verdade:* “É tão essencial no Apostolado da imprensa, tanto que somente com a Bíblia esse Apostolado já subsiste em seus elementos essenciais; sem ela, o Apostolado da imprensa não pode de maneira alguma viver, embora às vezes se faça alguma coisa que toma sua aparência” (p. 141).

1) Deus manda escrever e assiste os agiógrafos. Os apóstolos, os Papas como representantes de Deus, escrevem. “O Apostolado da imprensa é a continuação da obra de Deus” (*ibidem*). 2) No Apostolado da imprensa se dizem as verdades bíblicas: “Os sacerdotes refletem seus ensinamentos, os comunicam, os potencializam com a imprensa” (p. 142), dando os ensinamentos bíblicos também através dos fatos históricos que são como telas em que Deus escreveu e continua a escrever. 3) “O objetivo primário do Apostolado da imprensa é o mesmo que o da Bíblia Sagrada: as verdades que se referem a Deus e à alma” (*ibidem*). 4) O fim é o mesmo: “Que Deus seja glorificado e que as almas cheguem à salvação eterna” (*ibidem*). 5) O meio é idêntico: “A Sagrada Escritura e o Apostolado da imprensa servem-se da mesma voz: a escrita” (p. 143). 6) Para dar as verdades bíblicas, é preciso assimilá-las: “Todos devem ler; mas o apóstolo da imprensa mais do que todos, antes de todos, mais constantemente do que todos. Quem lê o Livro divino assume a linguagem divina, adquire a eficácia divina... Quem lê diariamente a Bíblia consegue falar realmente as palavras de Deus” (*ibidem*).

A Bíblia para o Apostolado da imprensa é o Caminho. “O verdadeiro Apostolado da imprensa deve modelar-se em Deus Escriitor, ou seja, na Bíblia Sagrada... O Apostolado da imprensa tenha: a) caráter de universalidade; b) decidida simplicidade e clareza; c) conveniência de impressão” (p. 144).

Universalidade: dado que Deus quer que todos os homens sejam salvos, o Apostolado da imprensa deve ser universal quanto aos lugares, aos homens e ao conteúdo. *Simplicidade:* “é o dote que se deve

encontrar na imprensa religiosa popular. Esta se dirige realmente à massa dos homens: agricultores, operários, pobres” (p. 145). Como a Eucaristia está sob as aparências mais comuns, assim o Apostolado da imprensa contém, nas aparências de um livro modesto, as verdades divinas. *Conveniência de impressão*: escrever a palavra significa oferecer outra maneira importante para a salvação de todos: “O Apostolado da imprensa seja considerado como pão; por isso, que chegue a todos e nutra a todos” (p. 146).

A Bíblia para o Apostolado da imprensa é a Vida. 1) O amor move Deus a falar e escrever aos homens. Os santos não querem o Paraíso somente para si, mas também para o próximo. São Paulo é feliz pelas comunidades cristãs que ele inicia. 2) A eficácia do Apostolado da imprensa é semelhante ao da Bíblia: se os Pais da Igreja e os Santos, lendo a Bíblia, decidiram tornar-se santos e empenhar-se pela salvação das almas, assim o Apostolado da imprensa conduz ao amor a Deus e ao próximo. Quanto mais se vai à Eucaristia, tanto mais se obtém transformação; quanto mais se vai à Bíblia, tanto mais se obtém os benefícios que ela produz (cf. p. 147). 3) Os escritores sagrados e os apóstolos não se apoiam em si próprios, mas na assistência divina; assim, o apóstolo da imprensa deve cultivar o espírito de oração e a reta intenção: “A oração preceda, acompanhe e siga o apostolado; a reta intenção seja a mola que leva a escrever, a imprimir, a difundir” (p. 148). 4) “A difusão do Santo Evangelho em particular e da Bíblia em geral deve continuar sendo a obra essencial do Apostolado da imprensa” (*ibidem*). Os escopos da difusão da Bíblia são: presença, honra e leitura do Evangelho em cada família; que o Evangelho seja lido nas escolas onde se forma a juventude, porque Cristo é o verdadeiro Mestre; que o Evangelho seja lido e comentado na igreja, sobretudo aos domingos; que o Evangelho seja lido e meditado pelos indivíduos e pelas categorias profissionais (cf. p. 148s).

2.29.2. *Pensamento alberioniano.* Colocando em relação a Sagrada Escritura com o Apostolado da imprensa, para sublinhar que **ambos**

contêm as mesmas **verdades**, indicam o mesmo **caminho** e servem para nutrir a mesma **vida** sobrenatural, o padre Alberione motiva a equivalência entre “pregação oral e pregação escrita”, porque a primeira pregação escrita é a Bíblia. O Apostolado da imprensa é a continuação da obra de Deus “escritor”. Além disso, Alberione retoma outra equivalência entre pão eucarístico e Apostolado da imprensa: **ambos** são “alimentos” para a vida espiritual dos fiéis, a serem partidos para adaptar-se à “boca” de quem os recebe: “O Apostolado da imprensa seja considerado como pão; por isso, que chegue a todos e a todos nutra. Particularíssima difusão se deve fazer da Bíblia, que deveria estar em mãos de todos os homens, ao menos a parte do Novo Testamento. Modelar-se portanto em Deus em todo o apostolado” (*Lede as Sagradas Escrituras*, n. 193).²⁶

Se o Apostolado da imprensa leva a ler a Bíblia, já atingiu o seu objetivo: “O apóstolo da imprensa, se fizer bem esta parte, já estará cumprindo a parte essencial desse ministério; ao contrário, todo o resto por si só, sem a Bíblia, não seria suficiente, pois a obra bíblica é necessária e insubstituível” (*idem*, n. 292).

2.29.3. *Atualização*. O amor pela leitura da Bíblia e pela sua difusão capilar é uma **herança** que o Primeiro Mestre deixou para toda a Família Paulina. Levando em conta a praxe do tempo, que em geral considerava “inoportuna” a leitura da Bíblia pelo povo cristão, e tendo também presente o movimento bíblico promovido por alguns estudiosos e por documentos papais, o padre Alberione, servindo-se do “método caminho, verdade e vida”, leva sua contribuição para a **leitura “pastoral”** da Bíblia, a ser incentivada nas famílias, na escola e na igreja.

Para atualizar a “leitura pastoral” alberioniana, é preciso valorizar tudo o que foi progressivamente disposto pelos **estudos bíblicos**. Leão XIII, depois de ter publicado a encíclica *Providentissimus Deus*

²⁶ “*Leggete le Sacre Scrittura*”, organizado por Angelo Colacrai ssp, Cinisello Balsamo, 2004.

(18/11/1893) sobre o estudo da Sagrada Escritura, funda a *Pontifícia Comissão Bíblica* com a carta apostólica *Vigilantiae Studii* (30/10/1902). Pio XII publica a encíclica *Divino Afflante Spiritu* (30/9/1943); o Concílio Vaticano II aprova a Constituição dogmática *Dei Verbum* (18/11/1965); a Pontifícia Comissão Bíblica publica *A interpretação da Bíblia na Igreja* (15/4/1993), texto do qual se faz um balanço em 2/5/2003 por ocasião do centenário fundacional da mesma Comissão; Bento XVI publica a exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini* (30/9/2010).

A interpretação da Bíblia, que sabe fazer que frutifiquem os vários métodos de estudos que se integram e se completam, deve manter para os Paulinos e Paulinas o objetivo “pastoral” querido por padre Alberione: “Torne-se pois o pão diário, aquele que os pais da família de Deus, os Párcos, dão a seus filhos. Ela é um sacramental” (*Apresentação em A Bíblia Sagrada*, 1968).

2.30. A propaganda sobre a imprensa de apostolado

(AI, c. XXIX; AE, segunda parte, primeira seção, cc. XXVI, XXVI bis, XXXI, XXXII, XXXV)

2.30.1. *Assuntos*. A publicidade na imprensa tem três escopos: intelectual, moral, econômico.

Propaganda de escopo intelectual. “O livro, o jornal, o periódico são mestres que ensinam continuamente. Dar bons livros é dar bons mestres à humanidade” (p. 150). Em todos os continentes, a cada dia se publicam livros e revistas que devem ser examinados pela Igreja no que se refere à fé, à moral e ao culto, pois a Igreja é quem dá o parecer, e isso constitui parte de sua missão evangelizadora. A Igreja, porém, com sua autoridade, não pode controlar tudo, e por isso o Apostolado da imprensa pode dar vida a três atividades de ajuda à obra de verificação da Igreja.

1) “Uma revista geral que deve examinar e indicar o caminho para editores, livros, periódicos, tipógrafos, impressores e divulgadores de

toda espécie, em todo o mundo; julgar e indicar o bom e condenar o mau; fazer que tais juízos cheguem a todos os homens, especialmente aos que na Igreja e na sociedade têm a função de guia para as massas do povo e dos leitores” (p. 151).

Tarefas dessa revista: convidar todos a usarem a imprensa para o bem das pessoas; explicar quais são os assuntos mais importantes a tratar; iluminar com os princípios evangélicos toda a atividade da imprensa; indicar aos leitores as fontes seguras e sadias; chamar a atenção para as publicações nocivas; perante o progresso das ciências, oferecer os princípios cristãos para responder às novas necessidades.

Trata-se de uma revista para quem deseja conhecer “o estado do saber do seu tempo, os pontos ainda controversos e os resultados já adquiridos e pacíficos” (152). O título poderia ser *Revista de cultura, Revista das revistas, Mestre Divino*. Para realizar tal revista que se interesse por livros de todas as disciplinas em todo o mundo, é necessário que haja um “colégio de redatores” (*ibidem*).

2) Uma revista-guia para avaliação dos livros. O exemplo indicado por padre Alberione é a *Revista de leitura*: julgar o conteúdo dos livros de leitura popular, a fim de dar juízo moral; os livros distinguem-se em excluídos, a ler com cautela e a incluir em bibliotecas. Revista útil para os bibliotecários e para os leitores.

3) Recensões de livros. Oferecer um resumo, destacar os pontos principais e dar avaliação sobre o valor intelectual e moral da obra. O apóstolo da imprensa, que indica como favorecer o bem e contrastar o mal, é um “imitador de Deus” (p. 153).

Propaganda de escopo moral. “A crítica negativa do mal é o choro dos ociosos” (p. 154). É preciso que haja condenação do mal, mas sobretudo ampla ilustração do bem: propaganda do bem, falar do positivo, ilustrar o bem; não passar o tempo lamentando o mal, mas opor-se a ele com as mesmas armas.

A parte negativa para opor-se ao mal: a imprensa pode ser utilizada para apoiar, convencer e criar opiniões sobre leis, costumes, necessi-

dades e práticas que sejam contrários aos ensinamentos da Bíblia e da Igreja. O apóstolo da imprensa deve denunciar, criticar e corrigir.

A *parte positiva* para indicar o bem: o fiel que assimilou o pensamento de Cristo é discípulo do Mestre divino e por isso ensina com autoridade. É preciso que os homens se convençam de que Jesus Cristo é verdade, caminho e vida. Os organismos internacionais que promovem valores positivos sejam conhecidos e apoiados; todas as realidades em nível nacional sejam avaliadas com critérios de fé: “O apóstolo da imprensa considera tudo à luz da reta razão e do Evangelho; depois faz propaganda, ou então põe de sobreaviso os fiéis” (p. 157).

“O apóstolo da imprensa não deve escrever somente de modo moral, mas decididamente pregar a moral e aplicá-la na vida” (*ibidem*). “O apóstolo da imprensa vê a vida das nações, das famílias e das pessoas; vê as respectivas obras e empresas; pronuncia a respeito um julgamento segundo Deus e distingue o que vem de Deus e o que vem do mal” (p. 158).

Propaganda de escopo econômico. Muito difundida. Princípios para avaliar esse tipo de propaganda: 1) há o aspecto moral a ser sempre avaliado; 2) “quanto mais o jornal católico puder evitá-la, melhor estará buscando a finalidade do Apostolado da imprensa, podendo dedicar todo o espaço para a difusão do pensamento” (*ibidem*); 3) ajudar a imprensa com a imprensa, pedindo ajudas econômicas de apoio; 4) vigiar sobre os conteúdos da publicidade, porque é preciso rejeitar tudo o que seja contrário à fé e à moral; 5) os bons devem apoiar os bons e assim ajudar-se; 6) muitos não se preocupam com a publicidade, mas há quem a pratica: “Quem dá o endereço à imprensa é apóstolo, também quando dispõe da propaganda e dos reclames econômicos” (p. 159).

2.30.2. *Pensamento alberioniano.* Já em *Anotações de teologia pastoral*, padre Alberione indica ao pároco a preciosidade de revistas que informam sobre a publicação de novos livros e apresentam uma

recensão sobre o conteúdo e a utilidade deles para o tipo de leitores (cf. nn. 278-279; 339-340). Trata-se do mesmo assunto também no livro *A mulher associada ao zelo sacerdotal* (cf. n. 194).

A convicção de que escopo do Apostolado da imprensa não é apenas **editar livros**, mas também realizar **serviço de informação e avaliação dos livros** que outros publicam, leva o Primeiro Mestre – como já se recordou – à fundação do *Boletim bibliográfico internacional* (1946-1971), definido como “Resenha racional das melhores publicações”.

No curso extraordinário de exercícios espirituais de 1960, ele retoma o tema da propaganda-difusão, reafirmando muitas dentre as convicções que encontramos em *AI*, sobretudo a necessidade de responder com as publicações às necessidades do público: “O apóstolo estuda quais são as maiores necessidades espirituais e morais das almas e das populações, e com isso escreve e difunde do púlpito técnico, como o pregador o faz desde o púlpito da igreja” (*UPS*, IV, 86).

2.30.3. *Atualização*. As possibilidades oferecidas pela comunicação em rede estão à disposição também do apostolado da “**mediação cultural e pastoral**” para avaliação de publicações impressas e das obras multimediais, o que completaria tudo o que se realiza há tempo com os nossos catálogos, com as recensões em revistas e com as apresentações de nossas publicações. Pareceres, avaliações e experiências, expressos na rede pelos leitores e por todos os que se servem da internet, são em geral utilizados por outros como critérios para se decidir como proceder.

É preciso também continuar e melhorar a “**propaganda do bem**”, sobretudo através de nossas revistas que, sem ignorar ou censurar fatos e fenômenos negativos, sabem criar notícia ao propor pessoas positivas e obras de bem; ao contrário de muitas publicações que ficam indiferentes ou preferem ressaltar escândalos e desvios.

A valorização da publicidade de outros como **recurso** para as nossas publicações e outras iniciativas apostólicas, que seja observada com atenção constante, pois é também indicador claro do **agrado**

de nossos conteúdos e, para nós, o espelho de nossos destinatários efetivos.

2.31. Conclusão

(*AI*, Conclusão; *AE*, segunda parte, primeira seção, c. XXXVII)

2.31.1. *Assuntos*. Os princípios expostos precedentemente são agora aplicados à Sociedade de São Paulo, com a descrição das normas práticas para o Apostolado da imprensa.

Na redação. “Esta função é a explicação, a popularização e a defesa das verdades cristãs referentes à fé, à moral e ao culto, através da escrita, que deverá multiplicar-se com a imprensa” (p. 160). Destinatários privilegiados são o povo simples, as crianças, o ramo masculino. O método é instruir e catequizar. A forma será clara e simples. Com a imprensa serão empregados todos os meios possíveis. Os conteúdos: doutrina da Igreja, Bíblia e Tradição.

Serão necessários dois “imprimatur”: um da Congregação, e o outro, mais autorizado e definitivo, é o da autoridade diocesana. Para manter o caráter espiritual do Apostolado da imprensa, evitando qualquer forma de comércio e indústria, pode-se “imprimir e difundir somente o que é escrito pelos próprios membros ou desejado pelas autoridades competentes da Igreja” (p. 161). Ficam proibidas outras formas de contratos com externos, seja como autores, seja como pedidos de impressão.

A análise dos manuscritos é confiada a Paulinos de confiança, que devem exprimir o seu parecer por escrito, que se conservará nos arquivos; a análise se refere à doutrina dogmático-moral, à utilidade da publicação para a espiritualidade, à forma redacional, à conveniência da publicação em referência ao público específico. É preciso observar as normas do Direito Canônico e as outras disposições da Santa Sé a respeito.

Os critérios para selecionar e imprimir são dois: “A maior glória de Deus e o maior bem das almas, excluída qualquer finalidade

simplesmente humana, artística, industrial ou comercial” (p. 163). Os conteúdos essenciais são “as verdades religiosas para a salvação das almas. Todo o restante... terá em mira somente dispor melhor a alma para a leitura, a fé, a moral e o culto” (*ibidem*).

Na impressão. Imprimir é transferir para o papel ou qualquer outro material os conteúdos redacionais. Os meios da tipografia deverão ser os mais aptos e modernos, propriedade dos Paulinos, e empregados com atenção e profissionalismo. O preço é a oferta pela boa impressão.

Na propaganda. Os conteúdos impressos passam às mãos dos leitores graças à propaganda, com o cuidado de que sejam atingidos sobretudo aqueles que não frequentam a igreja e não estão em contato com o pároco. A difusão leva ao público o fruto das numerosas iniciativas editoriais dos Paulinos: atos papais e catecismos, vidas de santos, difusão da Bíblia e do Evangelho; popularizar os Pais e Doutores da Igreja, popularizar a liturgia, servir-se de boletins paroquiais, periódicos vários de formação religiosa, litúrgica e moral.

A difusão se faz com catálogos, publicidade em periódicos, bibliotecas, assinaturas, centros de difusão, livrarias e propaganda nas famílias. Os propagandistas a domicílio devem respeitar uma série de normas para salvaguardar a própria vida religiosa e o apostolado (cfr. p. 165s).

Nos trabalhos tipográficos e na propaganda, os Paulinos podem servir-se “também de externos leigos e mediante retribuição” (p. 168). Quando se abre uma nova casa, deve-se obter a permissão para vocacionário, tipografia e centro de difusão.

2.31.2. *Pensamento alberioniano.* Na descrição da maneira como a Sociedade de São Paulo realiza o Apostolado da imprensa, já encontramos **a integralidade do projeto de nova evangelização**, que padre Alberione estenderá aos outros meios e que, a seguir, procuro sintetizar.

O Apostolado da imprensa é verdadeira evangelização: é a pregação escrita ao lado da pregação oral. Não era necessário fundar uma Congregação para ter na comunidade eclesial outra casa edito-

ra católica. O apostolado não deve ser interpretado somente como simples “atividade editorial”, mas como “atividade editorial” posta a serviço da evangelização, tal como se pratica na vida de paróquia.

A atividade “editorial” é a forma concreta de testemunho da evangelização com a comunicação. Editoria é buscar a própria experiência de fé, pessoal e comunitária, e propô-la aos outros. Não é possível ser simples “vendedor” de produtos religiosos, mas é preciso envolver-se com o que se dá.

Evangelizar significa acima de tudo propor o Cristo integral (dogma, moral e culto) à totalidade da pessoa (mente, coração e vontade) e, como preparação para o anúncio explícito, interpretar o humano todo com os valores do Evangelho. A experiência de fé não pode ser apenas doutrina, somente ética ou somente culto, e interessar só à mente, só à vontade ou só ao coração: é um todo a ser proposto à totalidade da pessoa. Não é necessário falar sempre de religião, mas falar também do humano com princípios cristãos.

Os destinatários a privilegiar são as massas distantes da fé e as pessoas de cultura que exercem influência social criando opinião. A evangelização paulina é para todos, mas dando precedência aos que nunca ouviram falar de Cristo.

A escolha dos destinatários indica também as prioridades editoriais: catecismo, Bíblia, tradição. O primeiro anúncio em forma de catecismo, que abre para a leitura da Bíblia e para a inserção na tradição teológica e magisterial.

A imprensa é o meio mais apto para chegar aos que não frequentam a igreja. É preciso servir-se de todos os meios e transformá-los em ocasião para o encontro com Cristo, em favor dos que não participam da vida paroquial em busca da fé.

O emprego da imprensa e dos outros meios para a evangelização requer organização do trabalho (redação, técnica, difusão) e das pessoas (sacerdotes, leigos consagrados, irmãs, leigos). Não é possível a evangelização com a comunicação sem organização que permita a colaboração de várias competências.

A organização mais adequada é o estilo de vida consagrada apostólica, onde todos os elementos têm como finalidade a missão. A vida consagrada oferece vantagens mais numerosas para realizar a evangelização com a comunicação.

A espiritualidade, a formação, a vida comunitária, os votos religiosos, as especializações, a busca de pessoal, devem ter como objetivo preparar os apóstolos da imprensa e da comunicação. As exigências da missão requerem preparação integral, pessoal e comunitária.

2.31.3. *Atualização.* Para atualizar o **novo projeto de evangelização com a imprensa e os outros meios de comunicação de massa**, pensado e realizado pelo padre Alberione, com **novo projeto de evangelização na comunicação com a comunicação**, não é suficiente acrescentar, aos apostolados precedentes, todas as tecnologias de comunicação surgidas após a última edição de *O Apostolado das Edições*.

Os vários elementos que compõem o projeto alberioniano devem ser acolhidos como herança preciosa a ser adequada, a fim de serem repensados com a riqueza teológica do **Vaticano II** e do **magistério universal pós-conciliar** até hoje, sobretudo na teologia, na eclesiológia, na liturgia, na mariologia, na pastoral, na comunicação para a evangelização, na vida consagrada.

É preciso, pois, conhecer bem **“os homens de hoje”**, com as disciplinas humanas que permitem o estudo das mudanças sociais e culturais, para que os conteúdos e linguagens da nossa comunicação sejam compreensíveis e despertem interesse.

Além disso, o conhecimento teórico e prático da evolução do **fenômeno da comunicação** permite que não nos bloqueemos com a convicção de que temos de lidar com meios, mas sim com uma cultura.

Enfim, depois de cem anos de existência, o carisma paulino deve ser repensado levando em conta também as **mudanças** que aconteceram em nossa Congregação e em toda a Família Paulina, tanto em nível de **pessoas** como de **iniciativas apostólicas**.

Um repensar assim radical exige a contribuição de todos os Paulinos, e não é fruto apenas de reflexão, mas principalmente de **fé laboriosa**: “De fé, ou seja, crer que o Senhor estabeleceu para nós uma missão, com os auxílios e graças necessárias. Fé que se demonstra com a vida prática, fazendo como se tudo dependesse de nós e confiando em Deus, como se tudo dependesse somente dele!”.²⁷

Com afeto fraterno.

Roma, 26 de novembro de 2014

Festa do Bem-aventurado Tiago Alberione

no centenário de fundação da Sociedade de São Paulo

Don Silvío Sami
Superior geral

²⁷ *Per un rinnovamento spirituale*, cit., p. 45.